



UC/FPCE — 2012

Universidade de Coimbra
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

A generatividade e a percepção de aceitação-rejeição paterna na transição para a parentalidade

Marisa Coutinho Gonçalves de Oliveira (e-mail: marie-marisa@hotmail.com)

Dissertação de Mestrado Integrado na área de especialização em Psicologia da Educação, Desenvolvimento e Aconselhamento sob a orientação da Prof.^a Doutora Graciete Franco Borges

A generatividade e a percepção de aceitação-rejeição paterna na transição para a parentalidade

Resumo: Tendo como enquadramento a teoria psicossocial do desenvolvimento ao longo do ciclo de vida de Erikson e a teoria da aceitação-rejeição parental (PARTheory), procedeu-se a um estudo exploratório da relação entre a percepção de aceitação-rejeição paterna, a generatividade e o envolvimento na gravidez durante a transição para a parentalidade. Para analisar a relação entre estas variáveis foram utilizados as adaptações portuguesas dos seguintes instrumentos: Adult PARQ: Father - *Short Form* (Rohner, 2004), Loyola Generative Scale (McAdams & de St. Aubin, 1992) e Personal Information Form: Adult (Rohner, 2005). Além disso, foi elaborado um Questionário sobre a Gravidez para o levantamento do envolvimento na gravidez (atitudes e sentimentos) por parte de mulheres grávidas e respectivos parceiros amorosos (população-alvo).

A amostra foi recrutada num Centro de Saúde de Eiras - Coimbra e no Hospital Privado Clipóvoa – Póvoa de Varzim, sendo composta por 100 sujeitos (79 mulheres grávidas e 21 parceiros amorosos), com idades compreendidas entre os 18.6 e os 43.6 anos.

Os dados obtidos revelaram uma associação positiva entre o nível de generatividade e o envolvimento na gravidez por parte das mulheres, mas a aceitação-rejeição paterna percebida não se revelou associada à generatividade. Por outro lado, a percepção de aceitação-rejeição paterna diferenciou-se em função do género, tendo-se revelado mais elevada entre os homens. Além disso, verificou-se que tanto o envolvimento na gravidez constitui um preditor da generatividade, como esta constitui um preditor do envolvimento positivo na gravidez.

Deste modo, os dados contribuíram para o aprofundamento da conceptualização da generatividade, apontando para o seu papel protector ou favorecedor do envolvimento positivo na gravidez e, como tal, da transição para a parentalidade, confirmando igualmente o carácter generativo do envolvimento na gravidez sobre o desenvolvimento da generatividade. Assim, justifica-se as acções dirigidas para o desenvolvimento da generatividade, designadamente através da sensibilização e incentivo de atitudes e comportamentos de *cuidar*. O facto da rejeição paterna percebida não se ter revelado associada à generatividade, associado ao facto daquela se ter revelado mais elevada entre os homens, exige a prossecução de investigação junto de amostras mais amplas que incorporem um maior número de sujeitos do sexo masculino, que ficou sub-representado na amostra utilizada. A transição para a paternidade afigura-se como uma linha futura de investigação com implicações na compreensão e implementação da co-parentalidade.

Palavras-chave: Generatividade; Percepção de aceitação-rejeição paterna; Envolvimento na gravidez; Transição para a paternidade.

Generativity and father acceptance-rejection's perception during the transition for parenthood

Abstract: Departing from Erikson's psychosocial approach of life course development, and from Parental Acceptance-Rejection Theory (PARTheory), we proceeded to an exploratory study on relationship between perceived father acceptance-rejection, generativity and pregnancy involvement in transition to parenthood. To analyze the connection between these variables we used the Portuguese adaptations of the following instruments: Adult PARQ: Father - *Short Form* (Rohner, 2004), Loyola Generative Scale (McAdams & de St. Aubin, 1992) and Personal Information Form: Adult (Rohner, 2005). Moreover, we developed a questionnaire to survey pregnancy involvement (attitudes and feelings) by pregnant women and their love partners (target population).

The sample was collected in Eiras' health centre – Coimbra and in a private hospital - Clipóvoa – Póvoa de Varzim, being composed by 100 subjects (79 women and 21 love partners) aged between 18.6 and 43.6 years old.

The data revealed a positive association between generativity level and pregnancy involvement by women, but perceived father acceptance-rejection hasn't been revealed associated with generativity. On the other hand, perceived father acceptance -rejection differed by gender and was higher among men. Furthermore, the data showed that either pregnancy involvement is a predictor of generativity, as this is one is a predictor of positive pregnancy involvement.

Thus, the data contributed to generativity conceptualization deepening, pointing to its protector role of positive pregnancy involvement and, consequently, of parenthood transition, confirming the generative nature of pregnancy involvement on generativity development. Therefore, it is justified the actions toward generativity development, particularly through awareness and encouragement of caring attitudes and behaviors. The fact of perceived father rejection not being associated to generativity, and being higher among men, requires further research with larger samples including a greater number of male subjects, that were underrepresented in our sample. The transition to fatherhood rises as a promising research line, with implications for co-parenting understanding and implementation.

Keywords: Generativity; Father acceptance-rejection's perception; Pregnancy involvement; Fatherhood transition.

Agradecimentos

À Prof. Doutora Graciete Franco-Borges, por todo o apoio e disponibilidade;

À minha colega Cecília Santos, por todo o apoio e pelos bons momentos que me proporcionou;

Ao meu colega Pedro Belo por toda a ajuda, paciência e disponibilidade;

A todas as grávidas e parceiros que participaram na investigação realizada;

A todos os meus colegas, amigos e familiares pelo apoio, compreensão, disponibilidade e carinho demonstrados.

Índice

Introdução	1
I - Enquadramento Conceptual	2
1. A Generatividade	2
1.1. O desenvolvimento e a expressão da generatividade ao longo do ciclo vital	4
1.2. A Generatividade e a Parentalidade	5
1.3. As experiências de vida precoces e os resultados desenvolvimentais subsequentes	6
2. Teoria da Aceitação-Rejeição Parental	7
2.1. Influência do pai no desenvolvimento da criança	10
2.2. Influência do amor e do envolvimento paterno	11
2.3. Diferenças do cuidado paterno em função do género	13
II - Objectivos	14
1. Definição do problema e indicação de objectivos	14
2. Hipóteses de Investigação	14
III - Metodologia	15
1. Descrição da Amostra	15
2. Instrumentos	18
2.1. Formulário de Dados Pessoais	18
2.2. Questionário sobre a Gravidez, <i>versões masculina e feminina</i> – QG- H e QG-M	18
2.3. Adult PARQ: Father (<i>Short Form</i>) – Rohner, 2004	20
2.4. Escala de Generatividade (Vaz-Rebelo & Franco-Borges, 2006) – adaptação portuguesa da <i>Loyola Generativity Scale</i> – LGS (McAdams & de St. Aubin, 1992)	21
3. Procedimento	21
IV - Resultados	22
1. Consistência Interna das escalas	22
1.1. Escala de Generatividade (EG)	22
1.2. Adult PARQ, <i>versão father</i> (Adult PARQ-F)	23
2. Valor preditivo dos itens do QG, <i>versões homem e mulher</i>	24
3. Dados Descritivos	24
3.1. Escala de Generatividade (EG)	24
3.2. Questionário de aceitação-rejeição parental, <i>versão paterna</i> (Adult PARQ-F)	25
3.3. Questionário sobre a gravidez, <i>versões homem e mulher</i> (QG- H/QG-M)	26

4. Relação entre as variáveis: Teste das hipóteses	34
4.1. Estudo da relação entre o Índice de Generatividade e o Nível de Aceitação-Rejeição Paterna	34
4.2. Índice de Generatividade de acordo com o género dos sujeitos da amostra	34
4.3. Índice de Generatividade em função da Idade	35
4.4. Comparação do Nível de Aceitação-Rejeição Paterna em função do género	35
4.5. Relação entre o Nível de Generatividade das mulheres e o Envolvimento na Gravidez entre as mulheres	36
4.5.1. Comparação das médias obtidas na EG em função das respostas à Questão 1 do QG-M	36
4.5.2. Comparação das médias obtidas na EG em função das respostas à Questão 2 do QG-M	37
4.5.3. Comparação das médias obtidas na EG em função das respostas à Questão 6 do QG-M	37
4.5.4. Comparação das médias obtidas na EG em função das respostas à Questão 8 do QG-M	38
4.6. Modelo preditor de Generatividade	38
4.7. Modelo preditor de Envolvimento na gravidez	39
V – Discussão	40
VI - Conclusões	42
Bibliografia	44
Anexos	47

Índice de Tabelas

Tabela 1. Dados descritivos – Idade	15
Tabela 2. Dados descritivos – Sexo	15
Tabela 3. Dados descritivos – Língua Materna	16
Tabela 4. Dados descritivos – Grau de Escolaridade	16
Tabela 5. Dados descritivos – Situação Laboral	17
Tabela 6. Dados descritivos – Estatuto Marital	17
Tabela 7. Dados descritivos – Nível Socioeconómico	17
Tabela 8. Operacionalização do Questionário sobre a gravidez, versões <i>homem e mulher</i>	19

Tabela 9. Consistência Interna da Escala de Generatividade	22
Tabela 10. Valor da Correlação Item-Total e respectivo <i>alpha de Cronbach</i> se item eliminado (EG - escala sem os itens 2-5-9-13-14-15)	23
Tabela 11. Consistência Interna do Adult PARQ-F	23
Tabela 12. Valor da Correlação Item-Total e respectivo <i>alpha de Cronbach</i> se item eliminado (PARQ-F – escala sem os itens 1-9-12-24)	24
Tabela 13. Dados Descritivos da Escala de Generatividade	25
Tabela 14. Dados Descritivos PARQ-F	25
Tabela 15. Primeira reacção à gravidez – Questão 1	26
Tabela 16. Planeamento da gravidez – Questão 2	26
Tabela 17. Sentimento se abortasse – Questão 3	27
Tabela 18. Primeiro a saber da gravidez – Questão 4	27
Tabela 19. Sentimento de modo geral – Questão 6	28
Tabela 20. Preocupação em alterar/ajudar a alterar rotinas – Questão 7	28
Tabela 21. Adjectivos que melhor o/a descrevem – Questão 8	29
Tabela 22. Apoio esperado – Questão 9	29
Tabela 23. Planeamento do parto – Questão 10	30
Tabela 24. Mudanças pessoais esperadas – Questão 11a)	30
Tabela 25. Mudanças familiares esperadas – Questão 11b)	31
Tabela 26. Mudanças esperadas na relação conjugal – Questão 11c)	31
Tabela 27. Confiança para lidar com as mudanças – Questão 12	32
Tabela 28. Preocupação com uma depressão pós-parto – Questão 13	32
Tabela 29. Decisão relativamente à amamentação – Questão 14	33
Tabela 30. Discussão da amamentação com a/o parceira/o – Questão 15	33
Tabela 31. Frequência de curso de preparação para o parto – Questão 16	34
Tabela 32. Comparação do Nível de Aceitação-Rejeição Paterna em função do género	35
Tabela 33. Comparação das médias de Generatividade em função da “Primeira reacção perante a gravidez” (Questão 1)	36
Tabela 34. Comparação das médias de Generatividade relativamente ao “Planeamento da gravidez” (Questão 2)	37
Tabela 35. Comparação do Índice de Generatividade relativamente ao “Sentimento predominante nesta fase (gravidez)” (Questão 6)	37
Tabela 36. Comparação do Índice de Generatividade relativamente aos “Adjectivos que melhor descrevem a grávida” (Questão 8)	38
Tabela 37. Modelo preditor de Generatividade	39
Tabela 38. Modelo preditor de Envolvimento na gravidez	39

Anexos

- Anexo 1** – Entrevista pré-natal para a promoção da saúde mental na Gravidez e Primeira Infância
- Anexo 2** – Valor da Correlação Item-Total e respectivo *alpha de Cronbac* se item eliminado (EG – escala completa)
- Anexo 3** – Valor da Correlação Item-Total e respectivo *alpha de Cronbach* se item eliminado (PARQ-F – escala completa)
- Anexo 4** – Comparação entre as médias da EG relativamente às categorias dos itens do QG-M e do QG-H
- Anexo 5** – Comparação entre as médias do PARQ-F relativamente às categorias dos itens do QG-M e do QG-H
- Anexo 6** – Distribuição dos valores na amostra total na EG
- Anexo 7** – Distribuição dos valores na amostra total no PARQ-F
- Anexo 8** – Estudo da relação entre o Índice de Generatividade e o Nível de Aceitação-Rejeição Paterna (no Total e nas diferentes Sub-escalas)
- Anexo 9** – Estudo da relação entre o Índice de Generatividade e o Nível de Aceitação-Rejeição Paterna em função do género
- Anexo 10** – Comparação do índice de generatividade de acordo com o género dos sujeitos da amostra
- Anexo 11** – Comparação do Índice de Generatividade de acordo com a idade dos sujeitos da amostra

Introdução

A teoria psicossocial do desenvolvimento ao longo do ciclo de vida de Erikson sugere que as experiências de vida precoces moldam e, até certo ponto, determinam a direcção dos resultados desenvolvimentais subsequentes, incluindo o desenvolvimento da generatividade (Rothrauff & Cooney, 2008). Erikson considerava que a *confiança* construída durante os primeiros anos de vida seria fundamental para o desenvolvimento posterior da generatividade, na medida em que a generosidade para com os outros requereria que as necessidades do indivíduo tivessem sido adequadamente satisfeitas nos primeiros anos de vida. Assim, a qualidade da relação pai-criança e mãe-criança (que resultaria, segundo Rohner, na percepção de aceitação-rejeição parental), teria influência no desenvolvimento da generatividade. Desta forma, e tendo em conta os pressupostos da teoria psicossocial de Erikson e da teoria da aceitação-rejeição parental (PARTheory), afigura-se pertinente averiguar a relação entre a percepção de aceitação-rejeição paterna e o nível de generatividade.

Uma vasta literatura mostra que a qualidade das relações interpessoais (especialmente com os pais, no caso das crianças) surge como o principal preditor do funcionamento e desenvolvimento psicossocial, tanto nos adultos como nas crianças (Rohner & Veneziano, 2001). Assim, e tendo em conta que ainda não foi estudada em Portugal a percepção da aceitação-rejeição paterna durante a adultez, decidiu-se analisá-la durante a transição para a parentalidade.

A transição para a parentalidade implica um conjunto específico de tarefas desenvolvimentais tanto para a mulher, como para o homem, particularmente no que se refere aos relacionamentos significativos a nível individual, do casal e da família. A nível individual impõe-se a revisão dos papéis desempenhados pelos pais durante a infância e dos modelos de interacção observados, ao nível do casal, a reorganização das modalidades anteriores de relacionamento e a nível familiar, a preparação para a tarefa conjunta de cuidar do bebé (Figueiredo, 2004, citado em Figueiredo & Silva, 2005). Segundo Relvas (1996), a díade alarga-se a uma tríade e a “revolução” afectiva dos futuros pais é acompanhada por uma redistribuição de papéis, funções e imagens identificatórias a três níveis fundamentais: no seio do próprio par, nas relações entre os cônjuges e as famílias de origem e ainda nas relações com os contextos envolventes mais significativos. Canavarro (2001) descreve um conjunto de tarefas desenvolvimentais da gravidez, incluindo a de reavaliar e reestruturar a relação com os pais e a própria identidade (para incorporar a identidade materna/paterna). Deste modo, esta etapa do ciclo vital parece ser uma altura em que os futuros pais “retiram do baú” todas as memórias parentais, aproximando-se dos seus modelos de parentalidade. Para além disso, parece ser um momento de reavaliação e reestruturação da identidade, no sentido da incorporação da

identidade materna/paterna.

O presente trabalho organiza-se em seis capítulos: 1) Enquadramento conceptual; 2) Objectivos; 3) Metodologia (caracterização dos instrumentos, procedimentos e da amostra recolhida); 4) Resultados 5) Discussão; 6) Conclusões.

I – Enquadramento conceptual

1. A generatividade

O interesse pelo desenvolvimento durante a idade adulta tem vindo a aumentar significativamente nos últimos anos (Zacarés & Serra, 2011).

De acordo com Erikson, a crise “generatividade versus estagnação”, corresponde ao sétimo dos oito estádios do desenvolvimento psicossocial, constituindo o principal desafio da idade adulta. De acordo com o mesmo autor, a generatividade é fundamentalmente a preocupação em apoiar e guiar as gerações mais novas, embora se possa expressar através do investimento noutras áreas (Erikson, 1963/1971).

Segundo o modelo psicossocial de desenvolvimento proposto por Erikson, a tarefa/desafio do adolescente é a de construir uma identidade (estádio 5), a do jovem adulto é a de estabelecer relações de intimidade num relacionamento a longo prazo (estádio 6) e a do adulto maduro é a de contribuir positivamente para a geração vindoura, através da parentalidade, da transmissão de saberes, da liderança, da orientação e da criação e cuidado, visando deixar uma herança positiva de si para o futuro (McAdams, 2006).

Erikson sugere que uma negociação bem sucedida da crise da generatividade versus estagnação leva a uma fé fundamental no progresso da humanidade e nas instituições, como a família, que promovem a continuidade intergeracional das tradições e das modalidades de actuação (Peterson, Smirles, & Wentworth, 1997). Assim, os adultos generativos tornar-se-iam intervenientes e modeladores do destino em sociedade (Vaillant & Milofsky, 1980, citado em McAdams, 2006).

Em contrapartida, os adultos que se mostrem incapazes de enfrentar os desafios da generatividade experimentarão o que Erikson designou por “estagnação”. Estes poderão sentir que não conseguem gerar bons produtos e resultados, sentindo-se incapazes de deixar uma marca positiva no mundo. A luta para cuidar e manterem-se a si próprios pode ser tão exaustiva que não permita encontrar os recursos para cuidar daqueles que irão eventualmente sobreviver a eles (McAdams, 2006).

Numa elaboração posterior das suas ideias, em 1982, Erikson considerou que o contraponto à generatividade seria o autoritarismo. O perigo emergente de uma pobre negociação da crise da generatividade seria a rejeição, podendo “ser expressa por si só no interior da família e na vida social enquanto uma supressão mais ou menos racionalizada e impiedosa. Isto pode acarretar crueldade física e moral para com os filhos e pode

transformar-se num prejuízo/preconceito moral contra outros segmentos da família e da comunidade” (Erikson, 1982, citado em Peterson, Smirlles, & Wentworth, 1997, p.1203). Assim, de acordo com Erikson, a rejeição ocorreria quando as aspirações e os comportamentos generativos se tornam ritualizados, em que “o simples poder de reger a vida económica e familiar” seria exercido de uma forma irreflectida e mesquinha ou pouco generosa (Erikson, 1982, citado em Peterson et al.1997, p.1203).

Depois da introdução do construto da generatividade por Erikson, diferentes autores tentaram conceptualizá-lo e avaliá-lo, propondo modelos teórico-empíricos, como é o caso do modelo multifacetado de McAdams e de St. Aubin (1992), constituído por sete dimensões psicossociais. Este modelo complexo e multidimensional da generatividade aponta como fonte motivacional primária desta a exigência cultural e o desejo interno. A exigência cultural refere-se às expectativas da sociedade relativamente à preocupação e cuidado das novas gerações. O desejo interno, (que Erikson descreveu como “a necessidade de ser necessário” e Kotre designou como “a busca da imortalidade simbólica”) sugere que a generatividade nasce de dois desejos profundamente enraizados e diferenciados, a necessidade básica de “sentir ser necessário aos outros” e o desejo de uma imortalidade simbólica, isto é, da motivação para fazer algo ou ser alguém que transcenda a própria morte (McAdams, de St. Aubin, & Logan, 1993, p. 222).

Tanto a exigência cultural como o desejo interno dão origem, na idade adulta, a uma preocupação consciente com a geração vindoura. Com o apoio de uma crença na bondade, valor e progresso da humanidade do futuro, a que Erikson chamou uma “crença na espécie”, a preocupação pode estimular o compromisso generativo. A acção generativa provém directamente do compromisso e pode incluir comportamentos que envolvem criação e produção, manutenção e cuidado ou oferta desinteressada daquilo que foi criado ou conservado (McAdams, de St. Aubin, & Logan, 1993, p.222).

O significado pessoal das complexas relações entre exigência, desejo, preocupação, crença, compromisso e acção seria determinado pela narrativa pessoal da generatividade: a história subjectiva que o adulto constrói com o intuito de dar significado à própria vida. A narrativa generativa é um discurso interno resultante da consciência do adulto de que os esforços generativos se incorporam e integram na sua própria história de vida, na sociedade contemporânea e no mundo social onde vive e, em casos extraordinários, no âmbito da própria história da sociedade (McAdams, de St. Aubin, & Logan, 1993).

O modelo de McAdams e de St. Aubin (1992) serviu de catalisador da investigação neste campo durante os últimos vinte anos, ao articular uma série de distinções conceptuais muito úteis para a compreensão da estrutura, funções, significados e manifestações da generatividade no desenvolvimento do adulto, tendo a utilização de procedimentos específicos para avaliar os seus componentes reforçado a sua difusão e aplicação (Zacarés & Serra, 2011).

O modelo anteriormente descrito questiona o pressuposto de Erikson de que generatividade constituiria a tarefa principal da idade adulta, considerando não existir nenhuma etapa no ciclo vital que se dedique

exclusivamente à generatividade, a qual se construiria ao longo do desenvolvimento (McAdams, de St. Aubin, & Logan, 1993). Assim, parece pertinente analisar o desenvolvimento e a expressão da generatividade ao longo do ciclo vital.

1.1. O desenvolvimento e a expressão da generatividade ao longo do ciclo vital

De acordo com Erikson, a generatividade tornar-se-ia mais visível ao longo dos anos da adultez, decrescendo gradualmente na velhice (McAdams, de St. Aubin & Logan, 1993). No entanto, existem estudos, como o de McAdams e colaboradores (1993), cujos resultados não vão ao encontro desta visão Eriksoniana.

Ryff e Heincke testaram o nível de generatividade em três amostras de grupos de idades diferentes (90 jovens adultos, 90 adultos de meia-idade e 90 idosos) e verificaram que o grupo dos adultos mais jovens tendia a mostrar o maior índice de generatividade (Ryff & Heincke, 1983, citado em Urien & Kilbourne, 2011). Também McAdams, de St. Aubin e Logan (1993) investigaram a expressão da generatividade ao longo da idade dos sujeitos, tendo verificado um aumento dos compromissos generativos e da narrativa generativa entre a juventude e a meia-idade, não tendo encontrado um claro suporte de um posterior decréscimo. De acordo com Zacarés e Serra (2011), estes resultados poderão estar relacionados com a própria natureza da generatividade, que se expressa quer pela procriação e parentalidade, na adultez, como pela generatividade social (compromisso cívico e cuidado interpessoal para além da própria família) e a criatividade/ produtividade, que se estendem, para a maioria dos sujeitos, ao longo de toda a adultez.

Tal como demonstram os estudos acima referidos, um adulto pode expressar uma constelação de motivações, preocupações, crenças e compromissos relacionados com a generatividade em qualquer altura do ciclo vital (McAdams, 2006).

De acordo com o modelo teórico de Erikson, a generatividade, tal como todos os constructos subjacentes aos estádios do desenvolvimento psicossocial, estaria presente sob qualquer forma ao longo da vida (Lawford, Pratt, Hunsberger, & Pancer, 2005). Por esta razão, e tendo em conta que a generatividade durante a fase da adolescência ainda não tinha sido empiricamente estudada, Lawford e colaboradores (2005) forneceram evidências que vão no sentido de comprovar que a generatividade é um constructo coerente e significativo antes da adultez plena, designadamente durante a adolescência, ainda que tal dependa do estilo parental ou do envolvimento comunitário. Com efeito, Peterson, Smirles e Wentworth (1997), num estudo realizado com pais (adultos) e respectivos filhos (adolescentes), verificaram que os resultados na escala LGS foram semelhantes para pais e filhos adolescentes.

A generatividade parece, assim, ser expressa ao longo da vida, incluindo a adolescência, verificando-se que pessoas de diferentes idades parecem ser capazes de abraçar as preocupações generativas expressas pelos

itens da LGS (Peterson, Smirles & Wentworth, 1997).

Concluindo, a relação entre idade e generatividade não é linear, dependendo de outros factores/variáveis que modelariam o seu nível de intensidade (Urien & Kilbourne, 2011).

1.2. A generatividade e a parentalidade

Tal como referido anteriormente, a generatividade é um conceito lato, podendo a parentalidade ser uma expressão privilegiada da mesma, embora englobe também uma preocupação com a sociedade em sentido amplo, fazendo com que possa ser expressa através de actividades de participação política e cívica, trabalho de voluntariado, envolvimento em instituições religiosas ou actividades espirituais, entre outras (Franco-Borges & Vaz-Rebelo, 2007).

Embora Erikson tenha proposto uma conceptualização ampla da parentalidade, não a considerando nem necessária nem suficiente para a consecução da generatividade, muitos estudos apontam a parentalidade como central na promoção do desenvolvimento da generatividade (Snarey et al., 1987, Vaillant & Milofsky, 1980, citado em Rothrauff & Cooney, 2008).

O suporte empírico deste ponto de vista decorre do trabalho de McAdams e de St. Aubin (1992), a partir de adultos com filhos e sem filhos com idades compreendidas entre os 19 e os 68 anos. Neste estudo, os sujeitos que eram pais expressaram níveis mais elevados de generatividade do que os adultos sem filhos, ou seja, a generatividade revelou-se positivamente associada à parentalidade. Além disso, as diferenças entre pais e adultos sem filhos foi particularmente pronunciada entre os homens, tendo os sujeitos do sexo masculino que eram pais revelado níveis significativamente mais elevados de generatividade do que os homens sem filhos. No entanto, os resultados do estudo de Rothrauff e Cooney (2008) não são concordantes com estes dados que sugerem que a parentalidade é essencial para o desenvolvimento da generatividade entre os homens. Com efeito, aqueles autores obtiveram resultados que sugerem que adultos sem filhos também podem encontrar oportunidades suficientes para um desenvolvimento generativo que contribua para o seu bem-estar psicológico. Para além disso, a parentalidade não surge como sendo mais importante para as mulheres relativamente aos homens, contrariando as suposições populares. Em suma, em conformidade com Erikson, os resultados deste estudo confirmam que a parentalidade não é uma experiência necessária para o desenvolvimento da generatividade e do bem-estar psicológico (Rothrauff & Cooney, 2008).

Para além dos estudos citados, foram ainda realizados outros com estudantes universitários, no sentido de averiguar a possível relação entre o índice de generatividade e o projecto da parentalidade (Franco-Borges & Vaz-Rebelo, 2007; Vaz-Rebelo & Franco-Borges, 2009; Franco-Borges, Vaz-Rebelo & Kourkoutas, 2010). Estes autores, a partir de uma amostra composta por estudantes universitários sem filhos, confirmaram os resultados obtidos por McAdams e de S. Aubin (1992) com a mesma

população-alvo. Assim, verificou-se que a generatividade variava em função do sexo, com os sujeitos do sexo feminino a obterem valores mais elevados de generatividade. Para além disso, a generatividade revelou-se significativamente associada ao desejo de vir a ter filhos. Estes autores também verificaram que o papel atribuído à parentalidade tinha um significado pessoal mais relevante do que os papéis profissional e conjugal.

1.3.As experiências de vida precoces e os resultados desenvolvimentais subsequentes

Rothrauff e Cooney (2008) consideram que a teoria psicossocial do desenvolvimento ao longo do ciclo de vida de Erikson sugere que as experiências de vida precoces moldam e, até certo ponto, determinam a direcção dos resultados desenvolvimentais subsequentes, incluindo o desenvolvimento da generatividade e do bem-estar psicológico.

As influências parentais precoces podem afectar directamente o bem-estar psicológico do adulto, assim como contribuir indirectamente para este através do seu impacto na generatividade do adulto. Erikson considerava que a confiança construída durante os primeiros anos de vida seria fundamental para o desenvolvimento posterior da generatividade, na medida em que a generosidade para com os outros requereria que as necessidades do indivíduo tivessem sido adequadamente satisfeitas nos primeiros anos de vida. Assim, as experiências de suporte durante a infância e as relações com os pais serviriam de base para um desenvolvimento positivo e para o bem-estar psicológico do adulto (Rothrauff & Cooney, 2008).

Rothrauff e Cooney (2008) confirmaram que os adultos que recordam atributos parentais positivos expressam maior generatividade e bem-estar psicológico na idade adulta. Lawford, Pratt, Hunsberger e Pancer (2005) verificaram que os adolescentes que relatam práticas educativas parentais democráticas apresentam, na emergência da idade adulta, níveis mais elevados de preocupação generativa.

Os dados prévios sugerem a possibilidade de relações directas entre as primeiras experiências da infância com os pais e o bem-estar psicológico na idade adulta. Vários estudos retrospectivos de respostas problemáticas de adultos, tal como depressão ou outras perturbações psicológicas, mostram que memórias de relações desfavoráveis e negativas com os pais durante a infância têm um contributo significativo (Kessler et al., 1997, Shaw et al., 2004, Whitbeck et al., 1992, citado em Rothrauff & Cooney, 2008).

A análise de An e Cooney, a partir de sujeitos que eram pais, mostrou que as experiências parentais precoces influenciavam directamente o bem-estar do adulto, embora os seus efeitos fossem menores do que os das experiências da idade adulta (An e Cooney, 2006, citado em Rothrauff & Cooney, 2008). Estes resultados sugerem que as implicações negativas das experiências precoces desfavoráveis podem ser atenuadas na idade adulta através de experiências generativas com os filhos ou com outros, através de actividades comunitárias (Rothrauff & Cooney, 2008). Com efeito, McAdams, de St. Aubin e Logan (1993) apontam a preocupação generativa

como estando positivamente associada à satisfação com a vida. Peterson e Klohnen (1995) também verificaram que as mulheres de meia-idade mais generativas tendem a sentir-se mais realizadas e mais saudáveis psicologicamente do que mulheres menos generativas, caracterizando-se por altos níveis de domínio, empatia, responsabilidade, auto-controlo, tolerância e bem-estar.

Deste modo, o impacto das experiências precoces parece ter alguma importância no desenvolvimento posterior da generatividade, embora seja mediado por experiências posteriores. Atendendo à prevenção de memórias das experiências precoces negativas, afigura-se relevante identificar as variáveis com maior impacto na tonalidade afectiva das memórias das experiências precoces. Neste sentido, considerar-se-á o contributo dos estudos realizados ao abrigo da PARTheory (Parental Acceptance-Rejection Theory – Rohner & Khaleque, 2008).

2. Teoria da aceitação-rejeição parental

Desde os finais do século XIX, que se têm vindo a realizar vários estudos sobre a percepção da aceitação-rejeição parental e as suas implicações no ajustamento psicológico da criança, do adolescente e do adulto (Rohner & Khaleque, 2008).

De acordo com Rohner e Khaleque (2008), há uma conclusão comum aos vários estudos: qualquer criança “necessita de formas específicas de resposta positiva – aceitação – por parte dos pais e outros cuidadores significativos” (p.1).

Sem esta aceitação, ou seja, quando esta necessidade não é satisfatoriamente saciada, a criança tenderá a desenvolver: “(1) hostilidade, agressão, agressão passiva ou problemas psicológicos de gestão da hostilidade e agressividade; (2) dependência imatura ou independência defensiva, dependendo da forma, frequência, duração e intensidade da rejeição percebida e do controlo parental; (3) auto-estima debilitada; (4) auto-adequação debilitada; (5) irresponsividade ou baixa responsividade emocional; (6) instabilidade emocional; (7) visão negativa do mundo” (Rohner & Khaleque, 2008, p.11).

Adicionalmente, jovens e adultos que se sentem ou sentiram rejeitados têm uma maior probabilidade de apresentarem problemas de comportamento, depressão ou humor depressivo e problemas de abuso de substâncias, entre outros (Rohner & Khaleque, 2008). De acordo com a teoria da aceitação-rejeição parental (PARTheory), estas consequências negativas resultariam da construção da personalidade em situações percebidas como rejeitantes, designadamente no seio das relações com os pais ou outras figuras de vinculação, provocando dor psicológica intensa (Rohner & Khaleque, 2008).

O extenso volume da investigação em torno da percepção da aceitação-rejeição parental, com destaque para o trabalho conduzido por Rohner ao longo de quatro centenas de estudos abrangendo mais de 60

países, tem vindo a contribuir para o desenvolvimento da teoria da aceitação-rejeição parental (Rohner & Khaleque, 2008).

Rohner e Khaleque (2008), através de uma meta-análise de estudos inter e intra-culturais, concluíram que existe uma forte relação entre a percepção da aceitação-rejeição parental e formas específicas de desajustamento psicológico de crianças e adultos, independentemente de diferenças de género, raça, língua e cultura. Esta relação mostrou-se mais forte nas crianças e jovens ainda muito dependentes dos pais, existindo uma tendência para se tornar mais ténue em idades mais avançadas.

A Teoria da Aceitação-Rejeição Parental é baseada em evidências empíricas que reforçam a relevância de uma abordagem da socialização e do desenvolvimento ao longo do ciclo de vida, de forma a prever e explicar as principais causas e consequências da aceitação-rejeição parental em todo o mundo (Rohner & Khaleque, 2008).

Estudos ao longo de 45 anos revelam que a rejeição parental pode ser experienciada pela combinação de qualquer uma das seguintes quatro percepções principais: frieza e falta de afectuosidade; hostilidade e agressão; indiferença e negligência; rejeição indiferenciada. Esta última refere-se à crença pessoal de que os pais não se preocupam e não amam realmente, apesar de poderem não existir indicadores comportamentais claros de que os pais sejam negligentes, não afectuosos ou agressivos (Rohner & Khaleque, 2008).

Com efeito, a Teoria da Aceitação-Rejeição Parental edificou-se sobre estudos que pretenderam responder a cinco tipos de questões que subjazem as subteorias da personalidade, das estratégias de *coping* e dos sistemas socioculturais (Rohner & Khaleque, 2008).

No que diz respeito à personalidade, a PARTheory pretendeu prever e explicar as principais consequências psicológicas ou da personalidade, especialmente relacionadas com a saúde mental, da percepção de aceitação-rejeição parental na infância e idade adulta. Esta subteoria tenta responder a duas questões: 1) “é verdade que qualquer criança responde essencialmente da mesma forma relativamente à percepção de aceitação-rejeição parental?”; 2) “em que grau é que os efeitos de uma rejeição na infância se estendem à idade adulta ou à velhice?” (Rohner & Khaleque, 2008, p.5).

Quanto às estratégias de coping, a PARTheory procurou responder a uma questão fundamental: 3) “como se desenvolve a resiliência do adulto com experiências de rejeição durante a infância?” (Rohner & Khaleque, 2008).

A nível sociocultural, a PARTheory tem vindo a tentar compreender os processos subjacentes às variáveis da parentalidade (afectuosidade versus agressividade, negligência, rejeição), atendendo aos factores psicológicos, familiares, comunitários e sociais. Deste modo, procura-se compreender 4) por que é que certos pais são afectuosos e outros frios, agressivos e rejeitantes e ainda 5) como as crenças e os comportamentos individuais estão relacionados com o contexto social das figuras parentais (Rohner & Khaleque, 2008).

A aceitação e rejeição parental formariam a dimensão da afectuosidade parental, a partir da qual é possível determinar a percepção de

cada um ao longo de um continuum entre dois pólos antagónicos (ausência de afectuosidade versus afectuosidade plena). Assim, a dimensão do afecto relaciona-se com a qualidade do vínculo afectivo na relação pais-filho e com os comportamentos parentais físicos e verbais utilizados para exprimir os seus sentimentos (Rohner & Khaleque, 2008). Uma das extremidades do continuum é marcada pela percepção de aceitação parental, a qual se traduz através do carinho, afecto, cuidado, conforto, preocupação, apoio, suporte ou simplesmente do amor que a criança experimenta por parte dos pais ou outros cuidadores primários. A outra extremidade é marcada pela rejeição parental, a qual se refere à percepção de ausência ou falta significativa de sentimentos e comportamentos afectuosos, ou à percepção de comportamentos e afectos física e psicologicamente aversivos e dolorosos (Rohner & Khaleque, 2008).

O conceito de personalidade é definido na subteoria da personalidade como um conjunto mais ou menos estável de predisposições (afectivas, cognitivas, motivacionais e perceptivas) comportamentais e modalidades de resposta (comportamentos observáveis) em diferentes contextos e situações de vida. Esta definição reconhece que o comportamento resulta de múltiplas variáveis, embora apresentando regularidades ao longo do tempo e do espaço (Rohner & Khaleque, 2008). A subteoria da personalidade postula que a satisfação da necessidade emocional de respostas positivas por parte de outros significativos ou figuras de vinculação seria vital para o ajustamento psicológico, sob pena da sua não satisfação gerar ansiedade, insegurança e dependência. A dependência refere-se ao desejo ou anseio de suporte, cuidado, conforto e atenção por parte de figuras de vinculação (Rohner & Khaleque, 2008).

A subteoria das estratégias de coping é a menos desenvolvida da PARTheory, adoptando uma perspectiva multivariada da pessoa no contexto. Esta perspectiva contempla três variáveis (o self, o outro e o contexto), sendo o comportamento do indivíduo (eg. lidar com a rejeição percebida) resultado das modalidades de interacção entre as mesmas. As características do “self” incluem as actividades mentais, nomeadamente as representações, assim como outras características internas (personalidade). As características do “outro” incluem as características pessoais e interpessoais de pais rejeitantes ou de outras figuras de vinculação, tendo em conta a forma, frequência, duração e gravidade da rejeição. As características do contexto incluem os outros significativos e as características sociais ou situacionais do ambiente onde a pessoa se encontra. Perante situações rejeitantes, a PARTheory conceptualiza os “affective copers” e os “instrumental copers”. Os primeiros lidariam de forma positiva com a rejeição, enquanto os segundos optariam por modalidades menos produtivas, caracterizadas por uma orientação motivacional centrada na tarefa (Rohner & Khaleque, 2008).

Atendendo a que a rejeição parental ocorre num contexto ecológico complexo (familiar, comunitário e sociocultural), a subteoria dos sistemas socioculturais da PARTheory procura analisar os sistemas de manutenção da sociedade, incluindo algumas instituições sociais, como a estrutura e organização familiar, económica, política e outras instituições que suportam directamente a sobrevivência da população culturalmente organizada e que

influenciam as experiências familiares e extra familiares. Os sistemas expressivos e comportamentais institucionalizados referem-se às tradições religiosas, comportamentais, artísticas, e aos sistemas de crenças e comportamentos simbólicos. Estes sistemas são designados como “expressivos”, influenciando os estados psicológicos (Rohner & Khaleque, 2008).

A PARTheory postula cinco princípios básicos de intervenção com vista à promoção de contextos “aceitantes”: 1) ajudar pais e outros cuidadores a comunicar amor (aceitação) às crianças; 2) ajudar pais e cuidadores a encontrar formas culturalmente apropriadas para transmitir afecto e prevenir comportamentos que indiquem falta de responsividade, como a hostilidade, negligência e indiferença, que induzem a criança a perceber a rejeição parental; 3) suspeitar da existência de rejeição parental percebida em crianças que apresentem desajustamento psicológico, 4) suspeitar da presença de desajustamento psicológico sob a forma especificada na subteoria da personalidade em crianças que demonstrem percepções de rejeição parental; 5) enfatizar a importância das demonstrações de afecto, não só por parte da mãe, mas igualmente por parte do pai e de outros cuidadores ou figuras significativas para a criança (Rohner & Khaleque, 2008).

De acordo com Rohner e Veneziano (2001), a qualidade da relação mãe-criança e pai-criança é expressa através da aceitação-rejeição parental percebida. No entanto, a esmagadora maioria dos estudos que estão relacionados com a aceitação-rejeição parental concentram-se no comportamento materno, tendo vindo a ser largamente ignorada a possível influência do comportamento paterno (Rohner & Veneziano, 2001).

2.1. Influência do pai no desenvolvimento da criança

Para a maioria das pessoas, os principais acontecimentos giram em torno das relações interpessoais (Duck, 1988,1991, Rohner, 1994, 1999, citado em Rohner & Veneziano, 2001). Para as crianças, os principais cuidadores, geralmente os pais, são as figuras mais significativas. Uma vasta literatura mostra que a qualidade das relações interpessoais (especialmente com os pais, no caso das crianças) surge como o principal preditor do funcionamento e desenvolvimento psicossocial, tanto nos adultos como nas crianças (Rohner & Veneziano, 2001).

Durante muito tempo, o amor materno foi comumente considerado proeminente no desenvolvimento infantil, sendo atribuída às mães a responsabilidade diária e praticamente exclusiva de cuidar dos filhos (Rohner & Veneziano, 2001).

De facto, muitos cientistas comportamentais e clínicos pareciam aceitar o postulado de que o principal papel do pai na família era do domínio instrumental, enquanto o das mães era no domínio expressivo-afectivo (Parsons & Bales, 1955, citado em Rohner & Veneziano, 2001). A aceitação destas assumpções resultou na escassez de estudos sobre a relação entre o amor paterno e o desenvolvimento dos filhos (Rohner & Veneziano, 2001).

À medida que nos aproximámos do séc. XXI, assistiu-se a uma mudança ao nível da estrutura e função da vida familiar, derivada de quatro tendências sociais proeminentes: aumento do emprego feminino, ausência do pai (eg., devido a divórcios), envolvimento paterno e diversidade cultural. Estas mudanças têm conduzido a estruturas familiares diferentes, bem como a diferentes expectativas e crenças acerca do papel dos pais. A participação das mulheres no mundo do trabalho irá provavelmente continuar a aumentar ao longo do próximo século e o grau de envolvimento paterno e de responsabilidade no cuidado dos filhos também é provável que aumente. À medida que os homens se vão tornando parte integrante das actividades domésticas e da educação dos filhos, terão mais responsabilidade na organização e planeamento da vida dos seus filhos (Cabrera et al, 2000). Estas mudanças sociais conduziram a ajustamentos nas conceptualizações populares e académicas acerca do papel de pais, mães e famílias, levando a uma evolução no ideal de pai, que passou de provedor distante para o de afectuoso e cooperante (Cabrera et al, 2000).

Desde meados da década de 70 do século passado, o pai ideal é considerado como sendo aquele que partilha de forma igualitária com a sua companheira o cuidado dos filhos, implicando uma mudança considerável das expectativas sociais sobre o papel do pai (Rohner & Veneziano, 2001). Assim, hoje é esperado que o “novo pai” constitua um suporte físico e emocional quotidiano, de forma paritária à mãe (Goldscheider & Waite, 1991, citado em Yeung et al, 2001). O ideal da co-parentalidade representa uma mudança importante, porque elimina/destrói a “divisão de géneros nas responsabilidades domésticas e de sustento familiar” (Pleck, 1997, citado em Cabrera et al, 2000, p.133). A co-parentalidade, enquanto novo ideal cultural, impôs a revisão das teorias desenvolvimentais que atribuíam às mães o papel central nas vidas dos filhos (Cabrera et al, 2000, p.133). Deste modo, muitos investigadores começaram gradualmente a reconhecer que o pai não devia ser esquecido/negligenciado nos estudos da família, designadamente acerca da aceitação-rejeição parental (Rohner & Veneziano, 2001). Como resultado directo e indirecto do movimento feminista, a investigação em torno do papel do pai e do amor paterno demonstrou a sua competência de cuidadores carinhosos (Bronstein & Cowan, 1988, Silverstein & Auerbach, 1999, citado em Rohner & Veneziano, 2001). Para além disso, verificou-se que a ligação pai-filho é muitas vezes paralela à ligação mãe-filho em termos emocionais (Fox, Kimmerly, & Schafer, 1991, Hanson & Bozett, 1991, citado em Rohner & Veneziano, 2001).

2.2. Influência do amor e do envolvimento paterno

Rohner & Veneziano (2001) apontam seis categorias de estudos empíricos que demonstram a relevância da aceitação paterna ou do “amor paterno”: (1) os que analisaram a influência do “amor paterno” (aceitação-rejeição paterna), sem examinar a do “amor materno”(aceitação-rejeição materna); (2) os que concluíram que o amor paterno é tão importante como o amor materno na previsão de respostas específicas dos filhos

(nomeadamente, problemas de ajustamento psicológico e da personalidade, de conduta, de desempenho académico e cognitivo, de saúde mental e de abuso de substâncias); (3) os que concluíram que o amor paterno prediz melhor respostas específicas dos filhos do que o amor materno (nomeadamente problemas de ajustamento psicológico e da personalidade, de conduta e delinquência, de saúde mental (bem-estar psicológico) e de abuso de substâncias); (4) os que concluíram que o amor paterno é o único preditor significativo de resultados específicos dos filhos após o controlo da influência do amor materno (nomeadamente, problemas de ajustamento psicológico e da personalidade, de conduta e delinquência e de abuso de substâncias); (5) os que concluíram que o amor paterno modera a influência do amor materno em respostas específicas dos filhos (nomeadamente, ansiedade e competências cognitivas); (6) os que concluíram que o cuidado paterno versus materno pode estar relacionado com diferentes níveis de auto-estima dos filhos e das filhas.

Grande parte dos estudos que analisaram a influência das variações do “amor paterno” (aceitação-rejeição paterna) incidiu no envolvimento paterno. De acordo com Lamb, Pleck, Chernov e Levine (1987, citado em Rohner & Veneziano, 2001), este pode ser analisado em função das seguintes variáveis: tempo despendido com os filhos (compromisso); grau de disponibilidade (acessibilidade); grau de responsabilidade no cuidado e bem-estar dos filhos (responsabilidade). Diversos estudos concluíram que crianças com pais altamente envolvidos tendem a ser mais competentes social e cognitivamente, menos inclinadas a estereótipos de género, mais empáticas e melhor ajustadas psicologicamente do que as crianças com pais menos envolvidos. Muitos destes estudos investigaram tanto o amor/aceitação-rejeição como o envolvimento paternos, tendo verificado que estas duas variáveis se encontravam relacionadas entre si, bem como com os seus efeitos nos adolescentes. Assim, numa revisão de estudos acerca do envolvimento paterno, Lamb concluiu que não é apenas o compromisso, a acessibilidade e a responsabilidade no cuidado da criança que se encontram associados aos resultados dos adolescentes, sendo que a qualidade da relação pai-filho surge como mais determinante (Lamb, 1997, citado em Rohner & Veneziano, 2001). Pleck concluiu que “o envolvimento precisa de ser combinado com as dimensões qualitativas do comportamento paterno através do conceito de envolvimento paterno positivo” (Pleck, 1997, citado em Rohner & Veneziano, 2001, p.392)

Um dos estudos que suporta a conclusão de Pleck é o de Amato e Gilbreth (1999, citado em Rohner & Veneziano, 2001) numa meta-análise de 63 estudos que exploravam a relação entre a paternidade não residencial e o bem-estar dos filhos e que verificaram que o encorajamento, o suporte e a proximidade paterna são o maior preditor do ajustamento social, emocional e psicológico dos jovens, comparativamente à frequência do contacto entre os filhos e os pais não residentes.

Baumrind (1991, citado em Leidy et al., 2011) verificou que uma parentalidade caracterizada pela afectuosidade e pouca rejeição se encontra relacionada com um desenvolvimento emocional, social e cognitivo positivo dos filhos. No mesmo sentido, Hofferth (2003) verificou que o investimento

emocional, a vinculação e o fornecimento de recursos por parte do pai se encontram associados ao desenvolvimento cognitivo e à competência social dos filhos.

Os pais variam tanto na qualidade dos cuidados prestados (amor paterno), como no grau de envolvimento com o seu filho (Dodge, Coie, & Lynam, 2006, citado em Leidy et al., 2011). O envolvimento paterno encontra-se positivamente associado ao relacionamento dos seus filhos com os pares, com o ajustamento psicológico, assim como com o desenvolvimento social, emocional e cognitivo dos filhos (Leidy et al., 2011).

Numa análise sistemática de 24 estudos longitudinais envolvendo 22.300 crianças, Sarkadi, kristiansson, Oberklaid e Bremberg (2008, citado em Leidy et al., 2011) concluíram que quase todos reportavam um efeito positivo da influência paterna no ajustamento psicossocial dos filhos.

Dwairy e colaboradores (2010) verificaram que a associação entre problemas psicológicos do adolescente e o comportamento paterno é mais significativa no Ocidente do que no Oriente.

2.3. Diferenças do cuidado paterno em função do género

Estudos prévios sugerem que as mães e os pais de adolescentes diferem no nível de envolvimento parental e que cuidam diferencialmente dos seus filhos e filhas, influenciando-os de forma distinta (Leidy et al., 2011). De acordo com Hosley e Montemayor (1997, citado em Leidy et al., 2011), durante a adolescência, as mães envolvem-se em mais actividades conjuntas com as suas filhas do que com os filhos, enquanto os pais tendem a estar mais envolvidos com os filhos e a terem menos contacto com as filhas.

De acordo com Burnett e Demnar (1996, citado em Leidy et al., 2011), uma relação próxima com o adolescente ou a percepção de aceitação por parte do progenitor do mesmo sexo parece estar relacionada a uma maior auto-estima por parte das filhas e, em menor grau, por parte dos filhos.

No estudo de Leidy e colaboradores (2011), com uma amostra de adolescentes e respectivas mães e pais americanos com ascendência mexicana e europeia, verificou-se que a aceitação paterna, a monitorização, a disciplina consistente e as interações com o adolescente estavam positivamente associadas ao ajustamento positivo deste, enquanto a rejeição paterna se associava negativamente ao ajustamento positivo. Neste estudo, a frequência do envolvimento pai-adolescente, assim como a disciplina paterna, revelaram-se positivamente associados ao ajustamento psicológico dos adolescentes do sexo masculino. Por outro lado, a aceitação-rejeição e a monitorização paterna mostraram uma ampla associação ao ajustamento dos adolescentes do sexo feminino. Estes resultados sugerem que as raparigas são mais sensíveis ao afecto paterno e os rapazes à disciplina, interações e actividades partilhadas com o pai, confirmando a visão de Golombok e Fivush (1994, citado em Leidy et al., 2011) de que as raparigas são mais sensíveis aos aspectos afectivos das relações interpessoais, enquanto os

rapazes valorizam mais o domínio instrumental.

Dwairy (2010) estudou a percepção de aceitação-rejeição parental em quatro países e a sua relação com o ajustamento psicológico dos filhos. Este estudo permitiu constatar que os pais são mais rejeitantes/ menos aceitantes do que as mães e que os adolescentes do sexo masculino tendem a ser mais rejeitados e menos aceites pelos progenitores do que as adolescentes.

Apesar dos níveis normativos de aceitação e de envolvimento paterno se associarem a um ajustamento positivo dos adolescentes, níveis mais elevados de aceitação e de envolvimento paterno surgem como especialmente benéficos. Deste modo, a aceitação e envolvimento paterno favorecem o ajustamento psicológico do adolescente (Leidy et al., 2011).

II - Objectivos

1. Definição do problema e indicação de objectivos

Atendendo à revisão prévia dos estudos em torno da generatividade e da aceitação-rejeição parental, é aparentemente plausível que ambos os constructos se relacionem entre si. Deste modo, o objectivo principal do presente estudo empírico é verificar a sua relação.

Considerando que estudos prévios apontam para os efeitos de longo prazo da percepção de aceitação-rejeição parental durante a infância sobre o comportamento na idade adulta, decidiu-se estudar a relação entre a generatividade e a aceitação-rejeição parental junto da população adulta, mais concretamente junto de mulheres grávidas e respectivos parceiros amorosos, devido ao facto da parentalidade ter vindo a ser associada ao incremento da generatividade. Deste modo, procurar-se-á verificar se a aceitação-rejeição parental percebida durante a infância poderá influenciar o nível de generatividade actual, designadamente durante uma fase do ciclo vital dedicada à tarefa psicossocial generatividade versus estagnação. Atendendo a que a gravidez impõe desafios novos que acarretam mudanças de atitudes e expectativas específicas quanto ao papel de pai/mãe, procurar-se-á igualmente analisar a relação entre algumas destas mudanças e o nível de generatividade, a qual tem vindo a ser associada a atitudes parentais mais responsivas.

Neste estudo considerar-se-á apenas a percepção da rejeição paterna e a sua relação com a generatividade e as atitudes perante a gravidez e a parentalidade.

2. Hipóteses de investigação

Considerando os objectivos do estudo e a revisão prévia, formularam-se as hipóteses seguintes.

Hipótese 1: A rejeição paterna percebida associa-se negativamente ao nível de generatividade durante a gravidez.

Hipótese 2: O índice de generatividade varia em função do género (os sujeitos do sexo feminino revelam valores mais elevados de generatividade).

Hipótese 3: O índice de generatividade associa-se positivamente à idade.

Hipótese 4: A percepção de rejeição paterna é maior entre os homens, comparativamente às mulheres.

Hipótese 5: O nível de generatividade das mulheres associa-se positivamente ao envolvimento na gravidez.

Hipótese 6: O envolvimento das mulheres na gravidez constitui um preditor da generatividade.

Hipótese 7: A generatividade constitui um preditor do envolvimento das mulheres na gravidez.

III - Metodologia

1. Descrição da Amostra

A amostra foi recrutada junto de mulheres grávidas e parceiros amorosos, sendo constituída por 100 sujeitos com idades compreendidas entre os 18,6 e os 43,6 anos, cuja média de idades é de 30,9 (Tabela 1).

Tabela 1. Dados descritivos – idade

	Amostra Total
Média	30,85
Mínimo	18,60
DP	4,77
Máximo	43,60
N	100

21% dos adultos é do sexo masculino (n=21) e 79% do sexo feminino (n=79), o que demonstra um grande desfasamento entre o número de sujeitos de cada sexo (Tabela 2).

Tabela 2. Dados descritivos – Sexo

	n	Percentagem %
Masculino	21	21,0
Feminino	79	79,0

Para 99% dos sujeitos, o português constitui a língua materna (n=99), havendo apenas 1 sujeito cuja língua materna é diferente (Tabela 3).

Tabela 3. Dados descritivos – Língua Materna

	n	Percentagem %
Português	99	99,0
Outra	1	1,0

O grau de escolaridade dos sujeitos da amostra oscila entre um grau de escolaridade “*inferior ao 12º ano*” e “*estudos pós-graduados ou equivalente*”. A maioria dos sujeitos (42%) possui uma licenciatura ou grau equivalente (n=42), 21% tem o 12º ano (n=21) e 18% possui um grau de escolaridade inferior ao 12º ano (n=18). Dos restantes sujeitos, 11% frequentou a faculdade sem conclusão da licenciatura (n=11), 5% tem o 12º ano com Diploma Profissional Específico (n=5) e apenas 3% possui uma pós-graduação ou equivalente (n=3), tal como se pode observar na Tabela 4.

Tabela 4. Dados descritivos – Grau de Escolaridade

	n	Percentagem %
Inferior ao 12º Ano	18	18,0
12º Ano	21	21,0
12º Ano com Diploma Profissional Específico	5	5,0
Frequência na Faculdade sem conclusão de Licenciatura	11	11,0
Licenciatura ou Grau Equivalente	42	42,0
Pós-Graduação ou Equivalente	3	3,0
Total	100	100,0

No que diz respeito ao estatuto laboral, observando a Tabela 5 é possível verificar que 80% dos sujeitos está empregado (n=80), dos quais, 72% se encontra empregado a tempo inteiro (n=72) e 8% está empregado a tempo parcial (n=8). 15% dos sujeitos encontra-se desempregados (n=15), sendo que destes, 12% estão à procura de trabalho (n=12) e 3% não estão à procura de emprego (n=3). 5% dos sujeitos declarou encontrar-se noutra situação laboral não especificada (n=5).

Tabela 5. Dados descritivos – Situação Laboral

	Amostra Total	Percentagem %
Desempregado e Não à Procura de Emprego	3	3,0
Desempregado à Procura de Trabalho	12	12,0
Empregado a Tempo Parcial	8	8,0
Empregado a Tempo Inteiro	72	72,0
Outra	5	5,0

Quanto ao estatuto marital, foi possível constatar que 66% dos sujeitos está casado e a viver com o cônjuge (n=66), 27% vive em união consensual (n=27) e apenas 7% é solteiro (n=7), tal como se apresenta na Tabela 6.

Tabela 6. Dados descritivos – Estatuto Marital

	n	Percentagem %
Casado e a Viver com o Cônjuge	66	66,0
União Consensual	27	27,0
Solteiro	7	7,0

As informações recolhidas sobre a profissão dos sujeitos foram tomadas como indicadores do nível socio-económico (NSE), categorizados segundo a proposta de Simões (1994), que diferencia três níveis (NSE Baixo, Médio e Elevado). Embora a proposta de Simões (1994) não preveja os sujeitos desempregados, estes foram incluídos nesta nova categoria.

Foi possível verificar que 31% dos sujeitos da amostra pertence a um nível socioeconómico médio, 27% a um nível socioeconómico elevado e apenas 18% a um nível baixo. Para além destes, 13% encontra-se “desempregado”, como se pode observar na Tabela 7.

Tabela 7. Dados descritivos – Nível Socioeconómico

	n	Percentagem %
Baixo	18	18,0
Médio	31	31,0
Elevado	27	27,0
Desempregado	13	13,0
Missing System	11	11,0
Total	89	89,0

2. Instrumentos

Foram utilizados quatro instrumentos: um questionário para a recolha de informação sociobiográfica (“Formulário de Dados Pessoais”); um questionário para a recolha de dados relativos ao envolvimento na gravidez (“Questionário sobre a Gravidez”); a Escala de Generatividade “LGS”; a escala Adult PARQ (*versão paterna*).

2.1. Formulário de Dados Pessoais

Com o objectivo de recolher informações sociobiográficas como, “idade”, “língua materna”, “grau de escolaridade concluído”, “situação laboral”, “ocupação” e “estatuto marital”, foi utilizada a adaptação portuguesa do Formulário de Dados Pessoais de Rohner (2005).

2.2. Questionário sobre a Gravidez, versões *homem e mulher* - QG-H e QG-M

O Questionário sobre a Gravidez (QG) foi elaborado em conjunto com a colega Cecília Santos, tendo sido igualmente utilizado no seu estudo (Santos, in press).

A elaboração do QG, utilizado na presente investigação, baseou-se na *Entrevista pré-natal para a promoção da saúde mental na Gravidez e Primeira Infância* - Manual de orientação para profissionais de saúde da Direcção Geral da Saúde (Direcção Geral de Saúde [DGS], 2005) (cf. Anexo 1).

Atendendo à população-alvo (mulheres grávidas e respectivos parceiros), foram criadas duas versões, uma versão para as mulheres (QG-M) e outra para os homens (QG-H). As questões de ambas as versões são as mesmas, tendo-se apenas distinguido o sexo dos respondentes na formulação das questões. Este questionário é constituído por 16 questões abertas (sendo algumas compostas por várias alíneas), que pretendem proceder a um levantamento dos sentimentos predominantes dos futuros pais face à gravidez e parentalidade e avaliar o seu envolvimento neste processo.

Assim, o conteúdo das questões remete para o nível de envolvimento na gravidez (Questões 1, 2, 3, 6 e 8), consciencialização acerca das mudanças durante a gravidez (Questão 5), consciencialização das implicações da parentalidade (Questões 7, 11, 12, 13 e 14), planeamento do parto (Questão 10), comunicação no interior do casal (Questões 4 e 15) e suporte social (Questão 9), como se pode observar na Tabela 8.

A partir da análise das tendências de resposta dos sujeitos, procedeu-se à criação de categorias relativas aos sentimentos/atitudes predominantes face à gravidez e parentalidade com vista à operacionalização das respostas.

Após uma primeira categorização, realizou-se uma segunda, de forma a simplificar as categorias iniciais em função das tendências de resposta. Assim, na segunda categorização, as respostas dos sujeitos foram inseridas

nas seguintes categorias: Reacção Positiva/ Negativa/ Ambivalência (questão 1); Sim/ Não (questões 2, 7a, 13, 14, 15 e 16); Tristeza/ Indiferença (questão 3); Marido/ Outros, *versão mulher* e Sim/ Não, *versão homem* (questão 4); Positivo/ Negativo/ Ambivalência (questão 6); Sentimentos Positivos/ Negativos (questão 8); Espero Apoio/ Não Espero Apoio (questão 9); Sim/ Não/ Não Pensei muito nisso (questão 10); Mudanças Instrumentais/ Crescimento Pessoal/ Não Afectará (questão 11a); Positivo/ Negativo/ Não Afectará (questões 11b e 11c); Sim/ Não/ Mais ou Menos (questão 12).

Tabela 8. Operacionalização do Questionário sobre a gravidez, versões homem e mulher

	Categorias	Conteúdo avaliado
Item 1	Positiva Negativa Ambivalência	Envolvimento na gravidez
Item 2	Sim Não	Envolvimento na gravidez
Item 3	Tristeza Indiferença	Envolvimento na gravidez
Item 4	Marido (QG-M) / Sim (QG-H) Outros (QG-M) / Não (QG-H)	Comunicação no interior do casal
Item 5	Sem categorias	Consciencialização acerca das mudanças durante a gravidez
Item 6	Positivo Negativo Ambivalência	Envolvimento na gravidez
Item 7a)	Sim Não	Consciencialização das implicações da parentalidade
Item 8	Positivos Negativos	Envolvimento na gravidez
Item 9	Espero apoio Não espero apoio	Suporte social
Item 10	Sim Não pensei muito nisso Não	Planeamento do parto
Item 11a)	Mudanças instrumentais Crescimento pessoal Não afectará	Consciencialização das implicações da parentalidade
Itens 11b) e 11c)	Positivo/Fortalecimento Negativo/Obstáculos Não afectará	Consciencialização das implicações da parentalidade
Item 12	Sim Não Mais ou menos	Consciencialização das implicações da parentalidade
Itens 13 e 14	Sim Não	Consciencialização das implicações da parentalidade
Item 15	Sim Não	Comunicação no interior do casal
Item 16	Sim Não	Planeamento do parto

2.3. Adult PARQ: Father (*Short Form*) – (Rohner, 2004)

O Questionário de Aceitação-Rejeição Parental (PARQ) para adultos constitui a primeira versão experimental da adaptação portuguesa de Franco-Borges e Vaz-Rebello (2010) do Adult PARQ - *Parental Acceptance-Rejection Questionnaire* (Rohner, 2004), que pretende avaliar a percepção do adulto sobre o nível de aceitação-rejeição parental durante a infância (entre 7 e 12 anos de idade).

Existem duas versões deste questionário (mãe/pai), apenas tendo sido utilizada neste estudo a versão paterna, com o intuito de avaliar a percepção do adulto sobre o nível de aceitação-rejeição paterna (Rohner & Khaleque, 2008).

O Questionário de Aceitação-Rejeição parental (PARQ) é um instrumento de auto-resposta, disponível em duas versões, *long form* e *short form*, sendo a primeira constituída por 60 itens e a última, que foi utilizada neste estudo, por 24 itens.

Neste momento não existe muita informação sobre as características psicométricas da *short form* do Adult PARQ, uma vez que foi construída recentemente a partir da *long form*. Contudo, visto que os itens deste instrumento derivam da *long form* do Adult PARQ, é esperado que as condições psicométricas sejam excelentes (Rohner & Khaleque, 2008), pois os estudos com a *long form* do Adult PARQ - *versão paterna* obtiveram valores do *alpha de Cronbach* entre .81 e .97 (Rohner & Brothers, 1998, Luft, 1989, cit in Rohner & Khaleque, 2008).

O Adult PARQ é constituído por quatro sub-escalas correspondentes às quatro dimensões do comportamento parental, a partir das quais os adultos tendem a organizar as suas percepções de aceitação-rejeição parental: a) Afetuosidade, b) Hostilidade/ Agressão, c) Indiferença/ Negligência, e d) Rejeição Indiferenciada (Rohner & Khaleque, 2008).

A sub-escala de “Afetuosidade” é composta por 8 itens, as de “Hostilidade/ Agressão” e de “Indiferença/ Negligência” são constituídas por 6 itens cada uma e a sub-escala de “Rejeição Indiferenciada” por 4 itens. Trata-se de sub-escalas de auto-resposta segundo uma escala de Likert com 4 níveis de resposta compreendidos entre 1 e 4 (4 = muitas vezes verdade; 3 = às vezes verdade; 2 = raramente verdade; 1 = nunca verdade).

A sub-escala de “Afetuosidade” foi cotada de forma inversa para a obtenção do score total de rejeição paterna percepcionada. Assim, os itens que compõem esta sub-escala passaram a ter uma cotação invertida, passando a medir a frieza ou a falta de afecto. Importa ainda referir que o item 13 (pertencente à sub-escala de Indiferença) tem cotação invertida, assumindo os restantes o valor do nível de resposta.

O score total do Adult PARQ traduz o nível de rejeição parental percepcionada, podendo oscilar entre o mínimo de 24 (correspondente ao máximo de aceitação percepcionada) e o máximo de 96 (correspondente ao máximo de rejeição percepcionada). O ponto modal é de 60 pontos, a partir do qual se conclui pela predominância de rejeição percepcionada, contudo, a partir de 56 já se pode considerar uma elevada rejeição percepcionada,

embora não sendo ainda superior ao nível de aceitação percebida (Rohner & Khaleque, 2008).

2.4. Escala de Generatividade (Vaz-Rebello & Franco-Borges, 2006) – adaptação portuguesa da *Loyola Generativity Scale* – LGS (McAdams & de St. Aubin, 1992)

A Escala de Generatividade constitui uma adaptação portuguesa (Franco-Borges & Vaz-Rebello, 2007) da *Loyola Generativity Scale*, desenvolvida por McAdams e de St. Aubin (1992). A escala é constituída por 20 itens de resposta fechada, sendo cada um cotado de acordo com quatro níveis de resposta, cujos valores se encontram compreendidos entre 0 e 3 (0 = nunca; 1 = raramente; 2 = geralmente; 3 = sempre ou quase sempre).

A Escala de Generatividade pretende avaliar as crenças/intenções generativas e não as acções concretas, podendo ser usada em diferentes etapas do ciclo vital. Assim, os itens que compõem a escala incidem em aspectos relacionados com o conceito de preocupação generativa (*generativity concern*), remetendo para o grau em que um adulto manifesta uma preocupação consciente em causar um impacto positivo e duradouro nas gerações seguintes (Franco-Borges & Vaz-Rebello, 2007).

No que concerne à cotação dos itens, os itens 2, 5, 9, 13, 14 e 15 têm cotação invertida, assumindo os restantes o valor do nível de resposta.

No que diz respeito às características psicométricas da Escala de Generatividade em estudos portugueses prévios (Franco-Borges & Vaz-Rebello, 2007; Vaz-Rebello & Franco-Borges, 2009) o *alpha de Cronbach* obtido foi de 0.79, a partir de uma amostra de 391 estudantes universitários.

3. Procedimento

A recolha de dados foi feita em conjunto com a colega Cecília Santos, tendo decorrido no Centro de Saúde de Eiras (CSE) e no Hospital Privado Clipóvoa (Póvoa de Varzim), entre Março e Dezembro de 2011. Para além do recurso às instituições supracitadas, também recolhemos dados junto de grávidas e parceiros nossos conhecidos ou a que tivemos acesso ocasionalmente em locais públicos.

No Centro de Saúde de Eiras, a amostra foi recolhida junto das grávidas e respectivos parceiros que participaram no programa de intervenção primária intitulado “*Descobrir a Maternidade Sentido-a*”, tendo os questionários sido preenchidos numa sala onde decorriam as sessões do programa. Ainda no CSE, recolheram-se dados junto das grávidas que eram acompanhadas nas consultas de planeamento familiar, na sala de espera.

No Hospital Privado Clipóvoa (Póvoa de Varzim) procedeu-se ao envio de um pedido de autorização aos directores do Serviço de Ginecologia e Obstetrícia para a administração dos questionários junto dos utentes do serviço. Assim, tal como ficou acordado com os directores do serviço supracitado, os dados foram recolhidos junto das grávidas e respectivos

parceiros nas salas de espera, maioritariamente na presença da investigadora, que se prestou a esclarecer qualquer dúvida aquando do preenchimento dos questionários.

IV - Resultados

Os dados obtidos foram tratados através do programa de tratamento estatístico SPSS (*Social Package for the Social Sciences*) na sua versão 17.0 para Windows.

De seguida serão apresentados os dados relacionados com as características psicométricas dos instrumentos utilizados (consistência interna) e análise descritiva dos dados. No caso do QG-M e QG-H não se procedeu à análise da consistência interna, uma vez que o questionário da gravidez não possui um score total. No entanto, procedeu-se à análise do valor preditivo dos itens que o compõem, testando-se a sua relação com o EG e o PARQ-F. Serão ainda apresentados os resultados inferenciais relativos aos dados.

Na análise da relação entre os dados da amostra (N=100), utilizaram-se testes não-paramétricos de U de Mann Whitney e Kruskal-Wallis para a comparação de médias, o teste paramétrico de correlação r de Pearson, o teste não paramétrico de correlação rho de Spearman e a regressão linear, simples e múltipla.

1. Consistência Interna das escalas

1.1. Escala de Generatividade (EG)

A consistência interna da escala EG foi calculada a partir do *alpha de Cronbach*, o qual obteve, do ponto de vista estatístico, um resultado “fraco” ($\alpha=.644$), como se pode observar na Tabela 9 (Pestana & Gageiro, 2008). Assim, procedeu-se à análise da correlação item-total e respectivo *alpha de Cronbach* perante a eliminação do item, de forma a verificar quais os itens cuja eliminação aumentariam o nível de consistência interna (cf. Anexo 2).

Tabela 9. Consistência Interna da Escala de Generatividade.

Alpha de Cronbach	Itens Removidos	Nº Itens
,644	0	20
,843	2-5-9-13-14-15	14

Tal como está indicado na Tabela 10, este estudo permitiu observar que a retirada dos itens 2-5-9-13-14-15 aumentaria o valor do alpha ($\alpha=.843$) (Tabela 9), considerado como “bom” sob o ponto de vista estatístico (Pestana & Gageiro, 2008).

Verificou-se que os itens da EG que foram removidos encontravam-se correlacionados negativamente com o *score* global, à excepção do item 9,

apontando para uma interpretação do seu conteúdo no sentido contrário ao desejado. Tal poderá ser explicado pela formulação negativa dos itens, que exigiam alguma concentração. O facto da maioria dos questionários ter sido administrada em locais não estruturados (salas de espera) e com estímulos distractores poderá ter contribuído para uma baixa concentração na leitura e interpretação dos itens.

Tabela 10. Valor da Correlação Item-Total e respectivo *alpha de Cronbach* se item eliminado (EG - escala sem os itens 2-5-9-13-14-15)

	Correlação Item-Total	α se Item Eliminado
13	-,239	,696
15	-,245	,739
14	-,103	,768
2	-,169	,796
5	-,117	,823
9	,002	,843

1.2. Adult PARQ, versão *father* (Adult PARQ-F)

A consistência interna do Adult PARQ, versão *paterna* (Adult PARQ-F), foi calculado a partir do *alpha de Cronbach*, o qual obteve, do ponto de vista estatístico, (Pestana & Gageiro, 2008) um resultado “fraco” ($\alpha=.559$), conforme se observa na Tabela 11. Assim, procedeu-se à análise da correlação item-total e respectivo *alpha de Cronbach* se item eliminado, de forma a verificar quais os itens responsáveis por este valor (cf. Anexo 3).

Tabela 11. Consistência Interna do Adult PARQ-F

Alpha de Cronbach	Itens Removidos	Nº Itens
,559	0	24
,829	1-9-12-24	20

De acordo com os valores da correlação item-total, foram eliminados os itens 1-9-12-24 (Tabela 12), tendo passado o valor do alpha a ser de .829, um resultado “bom”, do ponto de vista estatístico, (Pestana & Gageiro, 2008), como se observa na Tabela 11.

Verificou-se que os itens do Adult PARQ-F que foram removidos pertenciam à sub-escala de “Afectuosidade”. O facto desta sub-escala estar construída de forma a medir afectuosidade paterna, ao contrário de todas as outras (Hostilidade, Rejeição indiferenciada, Indiferença) poderá explicar o “mau comportamento” dos itens eliminados, perante uma administração que decorreu maioritariamente em locais pouco favoráveis à concentração.

Tabela 12. Valor da Correlação Item-Total e respectivo *alpha de Cronbach* se item eliminado (PARQ-F – escala sem os itens 1-9-12-24)

Itens	Correlação Item-Total	α se Item Eliminado
12	,674	,656
9	,630	,726
24	,691	,783
1	,665	,829

2. Valor preditivo dos itens do QG, versões homem e mulher

De forma a testar o valor preditivo dos itens do QG, procedeu-se à análise da sua relação com o EG e o PARQ-F através do teste não paramétrico de Kruskal-Wallis e do teste paramétrico U de Mann Whitney. Tal como referido anteriormente, o Questionário sobre a Gravidez (versões homem e mulher) é constituído por questões abertas que remetem para a parentalidade, não possuindo *score* total. O QG não se encontra aferido e a sua aplicabilidade na presente investigação visou averiguar se as categorias de respostas operacionalizadas se associavam à Escala de Generatividade e ao PARQ-F. Assim, foram realizadas comparações entre as médias da EG relativamente às categorias de respostas dos itens do QG-M e do QG-H e, posteriormente, entre as médias do PARQ-F relativamente às categorias de resposta dos itens do QG-M e do QG-H.

Na primeira análise (comparação entre as médias da EG relativamente às categorias dos itens do QG-M e do QG-H) demonstraram-se estatisticamente significativos os itens 1, 2, 6, 8 (referentes ao envolvimento na gravidez) e 12, 13 (relativos à consciencialização acerca das implicações da parentalidade) do QG-M e o item 10 (relativo ao planeamento do parto) do QG-H (cf. Anexo 4).

Na segunda análise (comparação entre as médias do PARQ-F relativamente às categorias dos itens do QG-M e do QG-H) demonstraram-se estatisticamente significativos os itens 2, 8 (envolvimento na gravidez), 4 (comunicação no interior do casal) e 12, 13 (consciencialização acerca das implicações da parentalidade) do QG-M, mas nenhum dos itens do QG-H se diferenciou significativamente em função da rejeição paterna percebida (cf. Anexo 5).

3. Dados descritivos

3.1. Escala de Generatividade (EG)

O *score* total da escala traduz o grau em que um adulto manifesta uma preocupação em causar um impacto positivo e duradouro nas gerações seguintes, podendo oscilar entre o mínimo de 0 e o máximo de 42.

Neste estudo, o índice de generatividade variou entre o valor mínimo de 9 e o máximo de 37 (Tabela 13).

Assim, os resultados demonstram que a maioria dos sujeitos (n=58) manifesta uma preocupação consciente em causar um impacto positivo e duradouro nas gerações seguintes, apresentando um índice de generatividade igual ou superior à média da amostra (27,67; DP= 6,46), como se observa na Tabela 13 (cf. Anexo 6).

Tabela 13. Dados Descritivos da Escala de Generatividade

	Amostra	Porcentagem %
Média	27,67	
D.P.	6,46	
Mínimo	9	
Máximo	37	
≥ 27,67	n= 58	58
< 27,67	n= 42	42

3.2. Questionário de aceitação-rejeição parental, *versão paterna* (Adult PARQ-F)

Tal como referido anteriormente, o *score* total da escala traduz o nível de rejeição percebida, podendo oscilar entre o mínimo de 24 (ausência de rejeição percebida) e o máximo de 96 (máximo de rejeição percebida), constituindo o ponto modal 60 um indicador de mais rejeição do que de aceitação percebida, embora se possa considerar que há uma rejeição percebida significativa a partir de um *score* de 56 pontos (Rohner & Khaleque, 2008).

Neste estudo, atendendo à eliminação de quatro itens, o nível de rejeição percebida pode variar entre um valor mínimo de 20 e um máximo de 80. Através de uma extrapolação numérica, o ponto modal é de 50, sendo que a partir de 47 pontos já se pode considerar que existe uma rejeição percebida significativa.

Os resultados demonstram que 84% dos sujeitos (n=84) percebem-se como não tendo sido rejeitados pela figura paterna, enquanto 16% se percebem como tendo sido rejeitados (n=16). A média é de 37 (DP=14,68), como se apresenta na Tabela 14, situando-se abaixo do ponto modal indicador de rejeição (PM=50) (cf. Anexo 7).

Tabela 14. Dados Descritivos PARQ-F

	Amostra	Porcentagem %
Média	37	
DP	14,68	
Mínimo	20	
Máximo	77	
≥ 50	n=16	16
< 50	n=84	84

3.3. Questionário sobre a gravidez, versões homem e mulher (QG-H/QG-M)

Na “Questão 1” procurou-se verificar qual a primeira reacção perante a gravidez.

Nesta questão as respostas como “Felicidade”, “Tranquilidade”, “Realização” e “Bem” incluíram-se na categoria “Positiva”. Por sua vez, a categoria “Negativa” inclui respostas como “Ansiedade”, “Preocupação”, “Tristeza” e “Receio”. Por fim, as respostas relacionadas com “Incerteza”, “Confusão”, “Surpresa” e “Sem reacção” incluíram-se na categoria “Ambivalência”.

Observando as respostas obtidas, verificou-se que todos os 21 homens (100%) manifestaram uma primeira reacção positiva perante a gravidez das suas parceiras e que 84,8% das grávidas manifestaram uma primeira reacção “Positiva” perante a gravidez (n=67), 8,9% “Negativa” (n=7) e 6,3% “Ambivalente” (n=5), como se pode ver na Tabela 15.

Tabela 15. Primeira reacção à gravidez – Questão 1

		N	Percentagem %
QG-H	Positiva	21	100
	Total	21	100
QG-M	Positiva	67	84,8
	Negativa	7	8,9
	Ambivalência	5	6,3
	Total	79	100

Tal como é possível verificar na Tabela 16, na “Questão 2” categorizaram-se as respostas acerca do planeamento da gravidez segundo as categorias “Sim” e “Não”.

Verificou-se que 71,4% dos homens (n=15) referem que a gravidez foi planeada, enquanto 28,6% referem não ter sido planeada (n=6) e que 72,2% das grávidas referem que a gravidez foi planeada (n=57) e que apenas 27,8% referem não ter planeado (n=22).

Tabela 16. Planeamento da gravidez – Questão 2

		N	Percentagem %			
QG-H	Sim	15	71,4	QG-M	57	72,2
	Não	6	28,6		22	27,8
	Total	21	100		79	100

Na “Questão 3”, que se refere ao sentimento perante um aborto espontâneo, categorizaram-se as respostas enquanto “Tristeza” ou “Indiferença”. Na categoria “Tristeza” incluíram-se respostas como

“Tristeza”, “Desilusão”, “Frustração”, “Impotência” e “Preocupação”. Quanto à categoria “Indiferença”, incluíram-se respostas como “Alívio” e “Indiferença”.

Verificou-se, tal como se observa na Tabela 17, que 95,2% dos homens (n=20) experienciarão um sentimento de “Tristeza” se a sua companheira abortasse e apenas 4,8% sentiriam “Indiferença” (n=1). 97,5% das grávidas experienciarão um sentimento de “Tristeza” (n=77) e apenas 2,5% sentiriam “Indiferença” (n=2).

Tabela 17. Sentimento se abortasse – Questão 3

		N	Percentagem %			
QG-H	Tristeza	20	95,2	QG-M	77	97,5
	Indiferença	1	4,8		2	2,5
	Total	21	100		79	100

Na “Questão 4”, que diz respeito à “primeira pessoa a saber da gravidez”, categorizaram-se as respostas como “Sim” e “Não”, na *versão homem* e “Marido” e “Outros”, na *versão mulher*.

Como se pode verificar na Tabela 18, 95,2% dos homens referem ter sido os primeiros a saber (n=20) e apenas 4,8% diz não ter sido o primeiro a saber da gravidez (n=1). 83,5% das grávidas refere ter sido o parceiro a primeira pessoa a saber que estavam grávidas (n=66), enquanto 16,5% refere ter sido outra pessoa significativa (n=13).

Tabela 18. Primeiro a saber da gravidez – Questão 4

		N	Percentagem %
QG-H	Sim	20	95,2
	Não	1	4,8
	Total	21	100
QG-M	Marido/Parceiro	66	83,5
	Outros	13	16,5
	Total	79	100

A “Questão 5” (“Que mudanças tem notado na sua parceira desde que engravidou?”), não foi considerada para análise, uma vez que a maioria das respostas se referia a mudanças comuns durante a gravidez, não diferenciando os sujeitos. Contudo, das várias respostas dadas, salientam-se as seguintes respostas: “Mudanças físicas”, “Mudanças de humor” e “Maior sensibilidade”.

Na “Questão 6” procurou-se perceber qual o sentimento predominante durante esta fase (gravidez). Nesta questão, respostas como “Tranquilidade”, “Bem-estar”, “Felicidade” e “Confiança” incluíram-se na categoria “Positivo”. Sentimentos como “Tristeza”, “Preocupação/Receio”, “Ansiedade” e “Limitação” incluíram-se na categoria “Negativo”. Por fim,

na categoria “Ambivalência” inseriram-se as respostas ambíguas (presença de sentimentos positivos e negativos).

Tal como se pode observar na Tabela 19, verificou-se que 95,2 % dos homens (n=20) manifestaram sentimentos de teor “Positivo”, enquanto 4,8% apresentaram respostas que se enquadram na categoria “Negativo” (n=1). 81% das grávidas deu respostas de teor “Positivo” (n=64), 15,2% de teor “Negativo” (12) e 2,5% de “Ambivalência” (n=2).

Tabela 19. Sentimento de modo geral – Questão 6

		N	Percentagem %
QG-H	Positivo	20	95,2
	Negativo	1	4,8
	Total	21	100
QG-M	Positivo	64	81
	Negativo	12	15,2
	Ambivalência	2	2,5
	Sem resposta	1	1,3
	Total	79	100

Na “Questão 7”, relativa à “preocupação em ajudar a parceira a alterar rotinas” (*versão homem*) e à “preocupação em alterar rotinas” (*versão mulher*) categorizaram-se as respostas em “Sim” e “Não”.

Verificou-se que 85,7% dos homens mostraram preocupação em ajudar a parceira a alterar rotinas (n=18), sendo que 14,3% não se mostraram preocupados com esta questão (n=3). 89,9% das grávidas revelou preocupação em alterar rotinas (n=71), enquanto 10,1% não (n=8), como é visível na Tabela 20.

Importa referir que a “Questão 7” é composta por duas alíneas (a e b), contudo não se considerou a alínea b para análise por não diferenciar os sujeitos.

Tabela 20. Preocupação em alterar/ajudar a alterar rotinas – Questão 7

		N	Percentagem %			
QG-H	Sim	18	85,7	QG-M	71	89,9
	Não	3	14,3		8	10,1
	Total	21	100		79	100

Na “Questão 8” procurou-se verificar quais os adjectivos que melhor descrevem os sujeitos durante este período de preparação para a parentalidade. Na categoria “Positivos” incluíram-se os seguintes adjectivos: “Feliz”, “Alegre”, “Optimista”, “Satisfeito/a”, “Confiante” e “Bonita” (este último apenas para a *versão mulher*). Em contrapartida, na categoria “Negativos”, inseriram-se os adjectivos “Inseguro/a”, “Assustado/a”, “Preocupado/a” e “Surpreendido/a” e “Feia” (este último apenas para a

versão mulher).

Tal como se observa na Tabela 21, verificou-se que 90,5% dos homens (n=19) se descrevem de forma positiva e 10,5% de forma negativa (n=2) e que 86,1% das grávidas se descrevem de forma positiva (n=68) e 13,9% de forma negativa (n=11).

Tabela 21. Adjectivos que melhor o/a descrevem – Questão 8

		N	Percentagem %		
QG-H	Positivos	19	90,5	QG-M	68
	Negativos	2	9,5		11
	Total	21	100		79
					100

Na questão “Apoio esperado” (Questão 9), que agrupa duas questões que remetem essencialmente para o apoio desejado e esperado, categorizaram-se as respostas da seguinte forma: “Espero apoio”, “Não espero apoio”.

Verificou-se que 81% dos homens esperam apoio (n=17), enquanto 14,3% não (n=3), e que 84,8% das mulheres espera apoio (n=67), enquanto 7,6% não (n=6), tal como se pode observar na Tabela 22.

Tabela 22. Apoio esperado – Questão 9

		N	Percentagem %		
QG-H	Espero Apoio	17	81	QG-M	67
	Não espero apoio	3	14,3		6
	<i>Sem resposta</i>	1	4,8		6
	Total	21	100		79
					100

Na questão “Já pensou acerca do parto?” (Questão 10), categorizaram-se as respostas como “Sim”, “Não” e “Não pensei muito nisso”.

Verificou-se que 66,7% dos homens já pensou acerca do parto da sua parceira (n=14) e que 28,6% ainda não pensou (n=6) e que 88,6% das grávidas já pensaram acerca do parto (n=70), 6,3% ainda não pensaram muito acerca disso (n=5) e 5,1 % ainda não pensaram acerca do parto (n=4), como se pode constatar da observação da Tabela 23.

Tabela 23. Planeamento do parto – Questão 10

		N	Percentagem %
QG-H	Sim	14	66,7
	Não	6	28,6
	<i>Sem resposta</i>	1	4,8
	Total	21	100
QG-M	Sim	70	88,6
	Não pensei muito nisso	5	6,3
	Não	4	5,1
	Total	79	100

A “Questão 11” (“De que modo a chegada do bebé vai afectar os seguintes aspectos da sua vida?”) comporta 4 alíneas. Com as quatro alíneas procurou-se perceber de que modo a chegada do bebé irá afectar as expectativas dos futuros pais a nível pessoal, familiar, na relação com o/a parceiro/a e a nível económico. A questão relativa às mudanças a nível económico (alínea d), não se considerou para análise, uma vez que, de um modo geral, todos os sujeitos referiram que a chegada do bebé comportará “maiores gastos” e “melhor gestão do orçamento familiar”.

Na “Questão 11a)”, que se refere às “Mudanças pessoais esperadas”, as respostas categorizaram-se como “Mudanças Instrumentais” (onde se incluíram respostas como “alteração de rotinas”, “gerir melhor o tempo” e “conciliar tarefas”), “Crescimento Pessoal” (incluíram-se respostas como “maior responsabilidade” e “realização pessoal”) e “Não afectará”.

Verificou-se que 47,6% dos homens referem o “Crescimento pessoal” (n=10) como a maior mudança, 42,9% referem “Mudanças instrumentais” (n=9) e 9,5% das respostas incluem-se na categoria “Não afectará” (n=2). 54,4% das respostas das grávidas incluem-se na categoria “Mudanças instrumentais” (n=43), 32,9% na de “Crescimento pessoal” (n=26) e 8,9% na categoria “Não afectará” (n=7), como se pode observar na Tabela 24.

Tabela 24. Mudanças pessoais esperadas – Questão 11a)

		N	Percentagem %
QG-H	Mudanças instrumentais	9	42,9
	Crescimento pessoal	10	47,6
	Não afectará	2	9,5
	Total	21	100
QG-M	Mudanças instrumentais	43	54,4
	Crescimento pessoal	26	32,9
	Não afectará	7	8,9
	<i>Sem resposta</i>	3	3,8
	Total	79	100

A Tabela 25 refere-se à questão “Mudanças familiares esperadas” (Questão 11b), na qual se categorizaram as respostas da seguinte forma: “Positivo/Fortalecimento”, onde se incluem 66,7% dos homens (n=14) e 57% das grávidas (n=45), “Negativo/Obstáculos”, onde se inserem 4,8% dos homens (n=1) e 11,4% das grávidas (n=9) e “Não Afectará”, que inclui 23,8% dos homens (n=5) e 24,1% das mulheres (n=19).

Tabela 25. Mudanças familiares esperadas – Questão 11b)

		N	Percentagem			
			%			
QG-H	Positivo/Fortalecimento	14	66,7	QG-M	45	57
	Negativo/Obstáculos	1	4,8		9	11,4
	Não afectará	5	23,8		19	24,1
	<i>Sem resposta</i>	1	4,8		6	7,6
	Total	21	100		79	100

Na questão “Mudanças esperadas na relação conjugal” (Questão 11c), categorizaram-se as respostas da seguinte forma: “Positivo/ Fortalecimento”, “Negativo/ Obstáculos” e “Não Afectará”.

Tal como é possível observar na Tabela 26, 61,9% das respostas dos futuros pais inserem-se na categoria “Positivo/ Fortalecimento” (n=13), 19% inserem-se na categoria “Negativo/ Obstáculos” (n=4) e 19% na categoria “Não Afectará” (n=4). Enquanto 41,8% das grávidas (n=33) esperam mudanças de teor “Positivo/Fortalecimento”, 29,1% esperam mudanças de teor “Negativo/Obstáculos” (n=23) e 21,5% consideram que o nascimento do bebé “Não Afectará” significativamente o relacionamento com o parceiro (n=17).

Tabela 26. Mudanças esperadas na relação conjugal – Questão 11c)

		N	Percentagem %
QG-H	Positivo/Fortalecimento	13	61,9
	Negativo/Obstáculos	4	19
	Não afectará	4	19
	Total	21	100
QG-M	Positivo/Fortalecimento	33	41,8
	Negativo/Obstáculos	23	29,1
	Não afectará	17	21,5
	<i>Sem resposta</i>	6	7,6
	Total	79	100

Na questão “Confiante para lidar com as mudanças?” (Questão 12) as respostas foram incluídas nas categorias “Sim”, “Não” e “Mais ou Menos”.

Assim, e tal como se pode ver na Tabela 27, verificou-se que 95,2% dos homens se sente confiante para lidar com as mudanças (n=20), assim

como 79,7% das grávidas (n=63). No entanto, 8,9% das mulheres refere sentir-se “Mais ou menos” confiante (n=7) e 5,1% refere não se sentir confiante (n=4).

Tabela 27. Confiança para lidar com as mudanças – Questão 12

		N	Percentagem %
QG-H	Sim	20	95,2
	<i>Sem resposta</i>	1	4,8
	Total	21	100
QG-M	Sim	63	79,7
	Não	4	5,1
	Mais ou menos	7	8,9
	<i>Sem resposta</i>	5	6,3
	Total	79	100

Na “Questão 13”, referente à eventual preocupação com uma possível depressão pós-parto, categorizaram-se as respostas em “Sim” e “Não”.

Verificou-se que 90,5% dos homens não evidenciou preocupação relativamente a uma depressão pós-parto (n=19) e que apenas 9,5% manifestou essa preocupação (n=2). 63,3% das grávidas não evidencia uma preocupação relativamente à possibilidade da ocorrência de uma depressão pós-parto (n=50), mas 35,4% manifesta essa preocupação (n=28), tal como se pode constatar na Tabela 28.

Tabela 28. Preocupação com uma depressão pós-parto – Questão 13

		N	Percentagem %
QG-H	Sim	2	9,5
	Não	19	90,5
	Total	21	100
QG-M	Sim	28	35,4
	Não	50	63,3
	<i>Sem resposta</i>	1	1,3
	Total	79	100

Na “Questão 14”, que diz respeito à tomada de decisão relativamente à amamentação, categorizaram-se as respostas em “Sim” e “Não”.

Tal como se pode ver na Tabela 29, 52% dos homens refere ainda não ter tomado uma decisão acerca da amamentação (n=11), contra cerca de 48% que já terá tomado essa decisão (n=10), e 79,7% das grávidas já tomou essa decisão (n=63), contra 19% que ainda não decidiram (n=15).

Tabela 29. Decisão relativamente à amamentação – Questão 14

		N	Percentagem %
QG-H	Sim	10	47,6
	Não	11	52,4
	Total	21	100
QG-M	Sim	63	79,7
	Não	15	19
	<i>Sem resposta</i>	1	1,3
	Total	79	100

Na questão “Já discutiu a amamentação com a/o sua/seu parceira/o” (Questão 15), categorizaram-se as respostas em “Sim” e “Não”.

Foi possível constatar que 52,4% dos homens já discutiu este assunto com a parceira (n=11), contra 47,6% que ainda não (n=10). 54,4% das grávidas já discutiu a questão da amamentação com o parceiro (n=43) e 43% (n=34) ainda não (Tabela 30).

Tabela 30. Discussão da amamentação com a/o parceira/o – Questão 15

		N	Percentagem %
QG-H	Sim	11	52,4
	Não	10	47,6
	Total	21	100
QG-M	Sim	43	54,4
	Não	34	43
	<i>Sem resposta</i>	2	2,5
	Total	79	100

Na questão “Frequenta algum curso de preparação para o parto?” (Questão 16), categorizaram-se as respostas segundo “Sim” e “Não”.

Como é possível observar na Tabela 31, verificou-se que 90,5% dos homens não frequenta qualquer curso de preparação para o parto (n=19), enquanto 9,5% frequenta um curso de preparação para o parto (n=2). 79,7% das grávidas não frequenta nenhum curso de preparação para o parto (n=63) e apenas 19% o fazem (n=15).

Tabela 31. Frequência de curso de preparação para o parto – Questão 16

		N	Percentagem %
QG-H	Sim	2	9,5
	Não	19	90,5
	Total	21	100
QG-M	Sim	15	19
	Não	63	79,7
	<i>Sem resposta</i>	1	1,3
	Total	79	100

4. Relação entre as variáveis: Teste das hipóteses

4.1. Estudo da relação entre o Índice de Generatividade e o Nível de Aceitação-Rejeição Paterna

Hipótese 1: A rejeição paterna percebida associa-se negativamente ao nível de generatividade durante a gravidez.

Analisando a relação entre o índice de generatividade e o nível de aceitação-rejeição paterna verificou-se que a correlação entre estas duas variáveis não é estatisticamente significativa ($r = -0,187$; $p > 0,05$) (cf. Anexo 8).

Estudou-se ainda a relação entre o índice de generatividade e as sub-escalas do Adult PARQ-F: Indiferença (itens 2, 7, 11, 13, 15, 23); Hostilidade (itens 4, 6, 10, 14, 18, 20); Afectuosidade (itens 3, 17, 19, 22); Rejeição Indiferenciada (itens 5, 8, 16, 21).

Foi possível constatar que não existe uma correlação estatisticamente significativa entre o índice de generatividade e as sub-escalas do Adult PARQ-F (cf. Anexo 8).

Por fim, foi testada a relação entre o *score* total da EG e o PARQ-F para os homens e mulheres, separadamente. No entanto, foi possível verificar que não existe uma relação estatisticamente significativa entre o Índice de Generatividade e o PARQ-F, quando analisada em função do género dos sujeitos (cf. Anexo 9).

Deste modo, a hipótese 1 foi infirmada, não se tendo verificado nenhuma relação significativa entre a generatividade e a percepção de rejeição paterna.

4.2. Índice de Generatividade de acordo com o género dos sujeitos da amostra

Hipótese 2: O índice de generatividade varia em função do género (os sujeitos do sexo feminino revelam valores mais elevados de generatividade).

Para analisar o nível de generatividade de acordo com o género dos sujeitos foi usado o teste não paramétrico U de Mann Whitney, tendo-se verificado que embora os sujeitos do sexo feminino pontuem mais alto na generatividade ($M = 27,75$; $DP = 6,59$) do que os do sexo masculino ($M = 27,38$; $DP = 6,05$), esta diferença não é estatisticamente significativa ($U = 787,5$; $p > 0,05$), infirmoando a hipótese 2 (cf. Anexo 10).

4.3. Índice de generatividade em função da idade

Hipótese 3: O índice de generatividade associa-se positivamente à idade.

Para testar a relação entre o índice de generatividade e a idade dos sujeitos da amostra utilizou-se a correlação r de Pearson.

Observou-se uma interacção positiva entre as variáveis, contudo não se verificou uma associação estatisticamente significativa ($r = 0,174$, $p > 0,05$), não se confirmando a hipótese 3 (cf. Anexo 11).

4.4. Comparação do nível de aceitação-rejeição paterna em função do género

Hipótese 4: A percepção de rejeição paterna é maior entre os homens, comparativamente às mulheres.

Para testar a hipótese 4 (A percepção de rejeição paterna é maior entre os homens, comparativamente às mulheres) foi utilizado o teste não paramétrico U de Mann Whitney para testar as diferenças das médias no PARQ-F em função do género. Foi possível verificar que os sujeitos do sexo masculino ($n = 21$; $M = 45,38$; $DP = 15,43$) obtiveram uma média de rejeição paterna percebida mais elevada (PARQ-F), do que os sujeitos do sexo feminino ($n = 79$; $M = 34,77$; $DP = 13,73$), sendo esta diferença estatisticamente significativa ($U = 458,00$; $p < 0,01$), tal como está apresentado na Tabela 32. Assim, a hipótese 4 foi confirmada.

Tabela 32. Comparação do Nível de Aceitação-Rejeição Paterna em função do género

Sexo	M	DP	U	p
Masculino	45,38	15,43	458,00	0,002*
Feminino	34,77	13,73		

* $p < 0,01$

4.5. Relação entre o Nível de Generatividade das mulheres e o Envolvimento na Gravidez entre as mulheres

Hipótese 5 – O nível de generatividade das mulheres associa-se positivamente ao envolvimento na gravidez.

Para testar a **hipótese 5**, procedeu-se à comparação das médias de generatividade (EG) em função das categorias de resposta aos itens do QG-M referentes ao “envolvimento na gravidez”, através do teste não paramétrico de Kruskal-Wallis e do teste paramétrico U de Mann Whitney. Ao realizar-se a comparação das médias de generatividade em função do envolvimento na gravidez, verificou-se que dos vários itens do QG-M que pretendem medir o “envolvimento na gravidez” (Itens 1 “Primeira reacção perante a gravidez”, 2 “Planeamento da gravidez”, 3 “Sentimento se abortasse”, 6 “Sentimento predominante nesta fase (gravidez)” e 8 “Adjectivos que melhor descrevem a grávida”) todos se mostraram significativamente associados ao nível de generatividade, à excepção do item 3, tal como já se tinha verificado anteriormente, aquando da análise do valor preditivo do QG (cf. Anexo 8), como se explicita de seguida, confirmando na generalidade a hipótese 5.

4.5.1. Comparação das médias obtidas na EG em função das respostas à Questão 1 do QG-M

Para comparar o nível de generatividade em função da primeira reacção à gravidez, testou-se a diferença entre as médias de generatividade nas categorias de resposta “Positiva”, “Negativa” e “Ambivalência” da questão 1 do QG-M através do teste não paramétrico de Kruskal-Wallis.

Assim, foi possível verificar que os sujeitos que reagiram positivamente à gravidez apresentam médias mais altas de generatividade (M= 28,99; DP= 5,39), comparativamente aos que reagiram negativamente (M= 23,14; DP= 8,53) e de forma ambivalente (M= 17,6; DP= 8,23), sendo esta comparação estatisticamente significativa (K-W= 10,258; $p < 0,01$), tal como está apresentado na Tabela 33.

Tabela 33. Comparação das médias de Generatividade em função da “Primeira reacção perante a gravidez” (Questão 1)

Primeira reacção gravidez	M	DP	K-W	p	Post-Hoc
Positiva	28,99	5,39	10,258	0,006*	P > N
Negativa	23,14	8,53			P > A
Ambivalência	17,60	8,23			

* $p < 0,01$

4.5.2. Comparação das médias obtidas na EG em função das respostas à Questão 2 do QG-M

Para comparar o nível de generatividade relativamente ao planeamento da gravidez, testou-se a diferença entre as médias de generatividade nas categorias de resposta “Sim” e “Não” à questão 2 do QG-M através do teste U de Mann Whitney.

Assim, foi possível verificar que as mulheres que referem terem planeado a gravidez apresentam médias mais altas de generatividade (M= 29,23; DP= 5,16) do que as que não a planearam (M= 23,91; DP= 8,32), sendo esta diferença estatisticamente significativa (U= 383; $p < 0,01$), como se observa na Tabela 34.

Tabela 34. Comparação das médias de Generatividade relativamente ao “Planeamento da gravidez” (Questão 2)

Gravidez Planeada		M	DP	U	p
Categorias	Sim	29,23	5,16	383	0,008*
	Não	23,91	8,32		

* $p < 0,01$

4.5.3. Comparação das médias obtidas na EG em função das respostas à Questão 6 do QG-M

Para comparar o nível de generatividade relativamente ao sentimento predominante testou-se a diferença entre as médias de generatividade nas categorias de resposta “Positivo”, “Negativo” e “Ambivalência” da questão 6 através do teste não paramétrico de Kruskal-Wallis.

Assim, foi possível verificar que os sujeitos que descrevem um sentimento positivo apresentam médias mais altas de generatividade (M= 29; DP= 5,75) do que os sujeitos que descrevem um sentimento negativo (M= 23,42; DP= 7,73) e ambivalente (M= 17,50; DP= 7,78), sendo esta comparação estatisticamente significativa (K-W = 8,434; $p < 0,05$), como se apresenta na Tabela 35.

Tabela 35. Comparação do Índice de Generatividade relativamente ao “Sentimento predominante nesta fase (gravidez)” (Questão 6)

Sentimento de modo geral		M	DP	K-W	p	Post-Hoc
Categorias	Positivo	29,00	5,75	8,434	0,015*	P > N
	Negativo	23,42	7,73			P > A
	Ambivalência	17,50	7,78			

* $p < 0,05$

4.5.4. Comparação das médias obtidas na EG em função das respostas à Questão 8 do QG-M

Para comparar o nível de generatividade relativamente aos adjetivos utilizados pelos sujeitos do sexo feminino para se auto-descreverem, testou-se a diferença entre as médias de generatividade nas categorias de resposta “Positivos” e “Negativos” da questão 8 através do teste U de Mann Whitney.

Assim, foi possível verificar que os sujeitos que se descrevem através de adjetivos positivos apresentam médias mais altas de generatividade (M= 28,95; DP= 5,72) do que os sujeitos que referem adjetivos negativos (M= 20,27; DP= 6,99), sendo esta comparação estatisticamente significativa (U= 120; $p < 0,01$), cujos resultados se apresentam na Tabela 36.

Tabela 36. Comparação do Índice de Generatividade relativamente aos “Adjectivos que melhor descrevem a grávida” (Questão 8)

Adjectivos que melhor a descrevem		M	DP	U	p
Categorias	Positivos	28,95	5,72	120	0,000*
	Negativos	20,27	6,99		

* $p < 0,01$

4.6. Modelo preditor de Generatividade

Hipótese 6: O envolvimento das mulheres na gravidez constitui um preditor da generatividade.

Foi testada esta hipótese através de uma regressão linear múltipla usando como constantes as seguintes questões do QG-M: “Primeira reacção à gravidez” (Q1), “Planeamento da Gravidez” (Q2), “Sentimento se abortasse” (Q3), “Sentimento predominante” (Q6) e “Adjectivos que melhor a descrevem” (Q8).

Através deste modelo foi possível constatar que este conjunto de variáveis prediz de uma forma estatisticamente significativa 27,5% do índice de generatividade, como se observa na Tabela 37, confirmando-se deste modo a hipótese 6.

Tabela 37. Modelo preditor de Generatividade

QG-M	Beta Standard	B	Std. Error	R ² adjust.	F
Q1-Primeira reação gravidez	-,268	-3,210	1,765		
Q2-Planeamento da Gravidez	-,040	-,587	1,848		
Q3-Sentimento se abortasse	-,045	-1,882	4,741	0,275	6,850*
Q6-Sentimento predominante	-,096	-1,353	1,834		
Q8-Adjectivos que melhor a descrevem	-,282	-5,298	2,385		

* $p < 0,01$

4.7. Modelo preditor de Envolvimento na gravidez

Hipótese 7: A generatividade constitui um preditor do envolvimento das mulheres na gravidez.

Foi testada esta hipótese usando como constante o índice de generatividade.

Esta variável foi testada com cada uma das seguintes questões do QG-M: “Primeira reação à gravidez” (Q1), “Planeamento da Gravidez” (Q2), “Sentimento se abortasse” (Q3), “Sentimento predominante” (Q6) e “Adjectivos que melhor a descrevem” (Q8).

Apenas a questão 3 (Sentimento se abortasse) não se revelou significativamente associada à generatividade, tendo-se constado que a generatividade prediz de uma forma estatisticamente significativa 21,6% da primeira reação à gravidez, 20% dos adjectivos que melhor descrevem a grávida, 14,9% do sentimento predominante durante a fase da gravidez e 12,1% do planeamento da mesma, como se pode observar na Tabela 38, confirmando na generalidade a hipótese 7.

Tabela 38. Modelo preditor de Envolvimento na gravidez

EG	Q1-Primeira reação gravidez	Q2-Planeamento da Gravidez	Q6- Sentimento predominante	Q8- Adjectivos que melhor a descrevem
Beta	-,475	-,364	-,400	-,459
Standard				
B	-,039	-,025	-,028	-,024
Std. Error	,008	,007	,007	,005
R ² adjust.	,216	,121	,149	,200
F	22,427*	11,738*	14,513*	20,503*

* $p < 0,01$

V - Discussão

Tendo como enquadramento a teoria psicossocial de Erikson, Rothrauff e Cooney (2008) estudaram a relação entre a generatividade e o bem-estar psicológico de adultos com filhos e de adultos sem filhos. Estes autores verificaram que os adultos que recordam atributos parentais positivos expressam maior generatividade e bem-estar psicológico na idade adulta. Tendo em conta o estudo supracitado, e atendendo a que o impacto das experiências precoces parecem ter alguma importância no desenvolvimento posterior da generatividade, seria expectável que a rejeição paterna percebida e o nível de generatividade se encontrassem associados negativamente (hipótese 1). Contudo, não se verificou uma relação estatisticamente significativa entre estas duas variáveis, não se confirmando a hipótese apresentada. Uma hipótese explicativa para este dado poderá residir no facto de, tal como refere Rothrauff e Cooney (2008), as implicações negativas das experiências precoces desfavoráveis poderem ser atenuadas na idade adulta através de experiências generativas com os filhos ou com outros e através das actividades comunitárias. Os dados obtidos por An e Cooney, a partir de sujeitos que eram pais, mostrou que as experiências parentais precoces influenciavam directamente o bem-estar do adulto, embora os seus efeitos fossem menores do que os das experiências da idade adulta (An e Cooney, 2006 cit in Rothrauff & Cooney, 2008). Outra hipótese explicativa poderá estar relacionada com o facto da amostra ser maioritariamente feminina, pois durante a gravidez as mulheres serão confrontadas com uma revisão das memórias sobre o papel das suas mães no passado, relegando para segundo plano as memórias do relacionamento com o pai.

Relativamente à hipótese 2 “O índice de generatividade varia em função do género (os sujeitos do sexo feminino revelam valores mais elevados de generatividade)” verificou-se que, apesar de existirem diferenças no índice de generatividade em função do género, com os sujeitos do sexo feminino a obterem valores mais elevados de generatividade, esta diferença não se revelou estatisticamente significativa, infirmando a hipótese inicial.

Nalguns estudos realizados junto de estudantes universitários, a generatividade mostrou-se variar em função do sexo, com os sujeitos do sexo feminino a obterem valores mais elevados de generatividade (Franco-Borges e Vaz-Rebello, 2007; Vaz-Rebello & Franco-Borges, 2009; Franco-Borges, Vaz-Rebello, & Kourkoutas, 2010; McAdams e de S. Aubin, 1992). Contudo, o mesmo não se verificou com a nossa amostra (grávidas e respectivos parceiros), tendo-se verificado apenas uma tendência de maior preocupação generativa nas mulheres grávidas, relativamente aos parceiros. Uma justificação para este resultado poderá residir, uma vez mais, no facto da amostra apresentar uma grande assimetria relativamente à distribuição em função do género, sendo muito superior o número de mulheres comparativamente ao número de sujeitos do sexo masculino.

No presente estudo foi possível verificar que o índice de

generatividade tendia a aumentar com a idade dos sujeitos, no entanto, esta relação não se mostrou estatisticamente significativa, não se confirmando a hipótese 3: “O índice de generatividade associa-se positivamente à idade”.

De acordo com Erikson, a generatividade aumentaria ao longo dos anos da idade adulta, decrescendo gradualmente na velhice (McAdams, de St. Aubin & Logan, 1993). McAdams, de St. Aubin e Logan (1993) investigaram a expressão da generatividade ao longo da idade dos sujeitos, e também verificaram um aumento dos compromissos generativos e da narrativa generativa entre a juventude e a meia-idade, não tendo, no entanto, encontrado um claro suporte de um posterior decréscimo. Apesar da relação entre a idade e o nível de generatividade não ser linear e parecer depender de outros factores, a tendência dos dados do presente estudo parece ir ao encontro do pressuposto de Erikson, bem como do estudo realizado por McAdams, de St. Aubin & Logan (1993).

No que concerne à hipótese 4 “A percepção de rejeição paterna é maior entre os homens, comparativamente às mulheres”, verificou-se uma diferenciação estatisticamente significativa da percepção de rejeição paterna em função do género dos sujeitos, com os sujeitos do sexo masculino a perceberem-se mais rejeitados pelo pai do que as mulheres. Assim, confirmámos a hipótese 4, sendo este resultado coerente com o de Dwairy e colaboradores (2010). Estes autores estudaram a percepção de aceitação-rejeição parental em quatro países e a sua relação com o ajustamento psicológico dos filhos e constataram, entre outros dados, que os adolescentes do sexo masculino tendem a sentirem-se mais rejeitados e menos aceites pelo pai do que os adolescentes do sexo feminino.

Nos estudos de Franco-Borges e Vaz-Rebelo (2007), Vaz-Rebelo & Franco-Borges (2009) e Franco-Borges, Vaz-Rebelo e Kourkoutas (2010) a generatividade revelou-se associada ao desejo de vir a ter filhos, evidenciando-se a relação entre a generatividade e o projecto de parentalidade. Tendo em conta esta conclusão, e uma vez que o envolvimento positivo na gravidez deverá relacionar-se com o desejo de ser pai/mãe, foi formulada a hipótese 5 “O índice de generatividade das mulheres associa-se positivamente ao envolvimento na gravidez”. Verificou-se que todas as questões que pretendiam medir o envolvimento na gravidez, à excepção da Questão 3, (Questões 1, 2, 6 e 8) estavam relacionadas a níveis elevados de generatividade, confirmando a hipótese 5. Importa salientar que o questionário utilizado (QG) para avaliar o envolvimento na gravidez não integra nenhuma questão directa atinente ao desejo de ter filhos, no entanto, as questões respeitantes a esta dimensão avaliam constructos que estão relacionados com este desejo, como o facto da gravidez ter sido planeada ou de ter sido encarada de forma positiva.

Por fim, constatou-se que o conjunto de questões que pretendia medir o envolvimento das mulheres na gravidez, à excepção da Questão 3, (Questões 1, 2, 6 e 8) predizia, de forma estatisticamente significativa, o nível de generatividade. Assim, o envolvimento das mulheres na gravidez surgiu como preditor de 27, 5% da generatividade, confirmando-se a hipótese 6 “O envolvimento das mulheres na gravidez constitui um preditor da generatividade”. De forma inversa, também a hipótese 7 (a generatividade

constitui um preditor do envolvimento das mulheres na gravidez) também se confirmou, apontando para o carácter generativo da generatividade, que favorece o envolvimento na gravidez e, simultaneamente, é alimentada pelo envolvimento positivo na transição para a parentalidade.

VI - Conclusões

Os dados obtidos revelaram uma associação positiva entre o nível de generatividade e o envolvimento na gravidez por parte das mulheres, mas a aceitação-rejeição paterna percebida não se revelou associada à generatividade. Por outro lado, a percepção de aceitação-rejeição paterna diferenciou-se em função do género, tendo-se revelado mais elevada entre os homens. Além disso, verificou-se que tanto o envolvimento na gravidez constitui um preditor da generatividade, como esta constitui um preditor do envolvimento positivo na gravidez.

Deste modo, os dados contribuíram para o aprofundamento da conceptualização da generatividade, apontando para o seu papel protector ou favorecedor do envolvimento positivo na gravidez e, como tal, da transição para a parentalidade, confirmando igualmente o carácter generativo do envolvimento na gravidez sobre a generatividade. Assim, justifica-se as acções dirigidas para o desenvolvimento da generatividade na transição para a parentalidade, designadamente através da sensibilização e incentivo de atitudes e comportamentos de *cuidar*.

O facto da rejeição paterna percebida não se ter revelado associada à generatividade sugere que, tal como referiu Rothrauff e Cooney (2008), as implicações negativas das experiências precoces desfavoráveis poderão ser atenuadas na idade adulta através de experiências generativas com os filhos ou com outros e através das actividades comunitárias. Outra hipótese explicativa poderá estar relacionada com o facto da amostra ser maioritariamente feminina, pois durante a gravidez as mulheres serão confrontadas com uma revisão das memórias sobre o papel das suas mães no passado, relegando para segundo plano as memórias do relacionamento com o pai. Neste sentido, a prossecução de investigação junto de amostras mais amplas que incorporem um maior número de sujeitos do sexo masculino, que ficou sub-representado na amostra utilizada devido à dificuldade em aceder a estes, parece pertinente.

Apesar da amostra ser composta maioritariamente por mulheres, foi possível constatar que a rejeição paterna percebida surge como mais elevada entre os homens, comparativamente às mulheres. Sendo que os sujeitos que compõem a amostra se encontram na transição para a parentalidade, parece pertinente a intervenção junto de futuros pais (homens), de modo a promover comportamentos de aceitação em relação aos filhos. No mesmo sentido, parece útil a prossecução de estudos longitudinais, quer com o intuito de averiguar possíveis alterações no nível de generatividade durante a parentalidade, quer com o de analisar o processo através do qual a rejeição paterna percebida interfere na qualidade da

relação pai-filho. Desta forma, poder-se-á intervir precocemente junto dos pais de forma a potenciar a generatividade e a diminuir o impacto negativo da percepção de rejeição paterna na relação pais-filhos e nos demais reacionamentos interpessoais.

Bibliografia

- Cabrera, N. J., Tamis-LeMonda, C. S., Bradley, R. H., Hofferth, S., & Lamb, M. E. (2000). Fatherhood in the twenty-first century. *Child Development, 71*(1), 127-136.
- Canavarro, M. C. (2001). *Psicologia da Gravidez e da Maternidade*. Coimbra: Quarteto.
- Direcção Geral da Saúde (Ed.). (2005). *Promoção da Saúde Mental na Gravidez e Primeira Infância: Manual de orientação para profissionais de saúde* (pp. 27-34). Lisboa: Europress, Lda.
- Dwairy, M. (2010). Parental acceptance-rejection: a fourth cross-cultural research on parenting and psychological adjustment of children. *Journal of Child and Family Studies, 19*, 30-35.
- Dwairy, M., Achoui, M., Filus, A., Rezvan nia, P., Casullo, M. M., & Vohra N. (2010). Parenting, mental health and culture: a fifth cross-cultural research on parenting and psychological adjustment of children. *Journal of Child and Family Studies, 19*, 36-41.
- Erikson, E. H. (1971). *Infância e sociedade* (G. Amado, Trad.). Rio de Janeiro, Brasil: Zahar Editores. (Obra original publicada em 1963).
- Figueiredo, B., & Silva, A. (2005). Sexualidade na Gravidez e após o parto. *Psiquiatria Clínica, 25* (3), 253-264.
- Franco-Borges, G., & Vaz-Rebelo, P. (2007). Parentalidade e generatividade. *Psychologica, 44*, 329-351.
- Franco-Borges, G. e Vaz-Rebelo, P. (2010). *Questionário de Aceitação-Rejeição Parental (PARQ) para adultos*. Documento não publicado.
- Franco-Borges, G., Vaz-Rebelo, P., & Kourkoutas, E. (2010). The identity function of parenthood: a systemic and developmental approach. *Social and Behavioral Sciences, 5*, 1721-1725.
- Hofferth, S. L. (2003). Race/ethnic differences in father involvement in two-parent families: Culture, context, or economy? *Journal of Family Issues, 24*(2), 185-216.

- Lawford H., Pratt M. W., Hunsberger B., & Pancer, S. M. (2005). Adolescent generativity: A longitudinal study of two possible contexts for learning concern for future generations. *Journal of research on adolescence, 15*(3), 261-273.
- Leidy, M. S., Schofield, T. J., Miller, M. A., Parke, R. D., Coltrane, S., Braver, ... Adams, M. (2011). Fathering and adolescent adjustment: variations by family structure. *Fathering, 9* (1), 44-68.
- McAdams, D. P (2006). The Redemptive Self: Generativity and the Stories Americans Live. *Research in Human Development, 3* (2/3), 81-100.
- McAdams, D. P., & de St. Aubin, E. (1992). A theory of generativity and its assessment through self-report, behavioral acts, and narrative themes in autobiography. *Journal of Personality and Social Psychology, 62*(6), 1003-1015.
- McAdams, D. P., de St. Aubin, E., & Logan, R. L. (1993). Generativity among midlife, and older adults. *Psychology and Aging, 8*(2), 221-230.
- Pestana, M. H., & Gageiro, J. N. (2008). *Análise de dados para ciências sociais: A complementaridade do SPSS* (5ª ed.). Lisboa: Edições Sílabo.
- Peterson, B. E., & Klohnen, E. C. (1995). Realization of generativity in two samples of women at midlife. *Psychology and Aging, 10*, 20-29.
- Peterson, B. E., Smirles, K. A., & Wentworth, P. A. (1997). Generativity and authoritarianism: Implications for personality, political involvement, and parenting. *Journal of Personality and Social Psychology, 72*(5), 1202-1216.
- Relvas, A. P. (1996). *O ciclo Vital da Família: Perspectiva Sistémica*. Porto: Afrontamento.
- Rohner, R. P. (2004). Adult PARQ: *Father* (Short Form). In R. Rohner, & A. Khaleque (2008). *Handbook for the study of parental acceptance and rejection*. (4ªed.) Storrs, CT: Rohner Research Publications.
- Rohner, R. P. (2005). Personal Information Form: Adult. In R. P, Rohner, & A. Khaleque (2008). *Handbook for the study of parental acceptance and rejection* (4th ed.). Storrs, CT: Rohner Research Publications.
- Rohner, R. P., & Khaleque, A. (2008). *Handbook for the study of parental acceptance and rejection* (4th ed.). Storrs, CT: Rohner Research Publications.
- Rohner, R. P., & Veneziano, R. A. (2001). The importance of father love: history and contemporary evidence. *Review of General Psychology, 5*(4), 382-405.

- Rothrauff, T., & Cooney, T. M. (2008). The role of generativity in psychological well-being: Does it differ for childless adults and parents? *Adult Development, 15*, 148-159.
- Santos, C. (in press). *Relação entre a rejeição materna percebida e a generatividade de mulheres grávidas e parceiros* (Dissertação de mestrado não publicada). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Simões, M. (1994). *Investigações no âmbito da Aferição Nacional do Teste das Matrizes Progressivas Coloridas de Raven (MPCR)* (Dissertação de Doutorado não publicada). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Urien, B. & Kilbourne, W. (2011). Generativity and self-enhancement values in eco-friendly behavioral intentions and environmentally responsible consumption behavior. *Psychology & Marketing, 28*(1), 69-90.
- Vaz-Rebelo, P. & Franco-Borges, G. (2006). Escala de Generatividade. In G. Franco-Borges, & P. Vaz-Rebelo (2007). Parentalidade e generatividade. *Psychologica, 44*, 329-351.
- Vaz-Rebelo, P. & Franco-Borges, G. (2009). Contributos para o estudo do desenvolvimento do adulto: Reflexões em torno da generatividade. *Práxis Educacional, 5*(7), 97-114.
- Zacarés, J. J., & Serra, E. (2011). Explorando el territorio del desarrollo adulto: La clave de la generatividad. *Cultura y Educación, 23*(1), 75-88.

Anexos

Entrevista Pré-natal para Promoção da Saúde Mental na Gravidez e Primeira Infância

(European Early Promotion Project)

Promoção da saúde mental na gravidez e primeira infância através dos profissionais dos cuidados de saúde primários

(A aplicar cerca de 1 mês antes do parto)

Introdução

- Cumprimente a mãe de forma cortês e calorosa.
- Apresente-se, dizendo o seu nome e cargo que desempenha.
- Envolve-se numa conversa neutra e agradável, propícia ao relaxamento e conhecimento mútuo.
- Explique a finalidade da entrevista/consulta.
- Comece só então a colher as informações necessárias:
 - Se é a primeira gravidez.
 - Se houve problemas anteriores na gravidez ou parto.
 - Qual a constituição do agregado familiar.

Aspectos a avaliar

1 – Como tem corrido a gravidez?

Encoraje a mãe a falar livremente, com incentivos como:

“Explique-me melhor o que quer dizer” ou “Conte-me um pouco mais sobre esse assunto”.

Os sentimentos positivos devem ser valorizados e encorajados.

No entanto, os sentimentos negativos devem também ser explorados e compreendidos mais profundamente.

Prepare-se para lidar com os seguintes problemas:

- Experiências negativas anteriores (gravidez difícil, aborto, parto complicado, nado-morto, filhos anteriores com deficiência ou problemas de saúde).
- Medo do parto e das intervenções obstétricas.
- Conflitos familiares.
- Problemas socioeconómicos.

2 – Como se sentiu quando soube que estava grávida?

Reforce os sentimentos positivos.

Perante os sentimentos negativos (medos, ambivalência, confusão, indiferença, rejeição), encoraje a grávida a partilhar mais longamente esses sentimentos, sugerindo, por exemplo:

“Pode explicar-me isso um bocadinho melhor?”

Mostre sempre um interesse genuíno pelos sentimentos da grávida e dê-lhe oportunidade de os expressar.

Assim, irá ajudá-la a expressar os sentimentos negativos e incentivá-la a adoptar uma abordagem de resolução de problemas.

Depois de explorar o problema, é importante incentivar a grávida a procurar o apoio emocional, em primeiro lugar do companheiro ou de outro familiar próximo. Por exemplo:

“Já falou desses sentimentos ao seu marido/companheiro/pai do bebé?”

3 – Quando soube que estava grávida, a quem contou primeiro? Como é que essa pessoa reagiu?

Esta questão permite identificar, com grande probabilidade, a pessoa que poderá dar à grávida o apoio emocional de que ela necessita.

4 – E o pai do bebé (no caso de não ter sido ele o primeiro a saber da notícia), como é que ele reagiu? E agora, quais são os sentimentos dele?

É importante explorar os sentimentos do pai em relação à gravidez:

Se os sentimentos dele forem positivos e ele der apoio, reforce a relação.

Se os sentimentos forem vagos ou ele não der apoio, encoraje uma maior comunicação entre o casal.

Se o pai estiver ausente ou rejeitar a gravidez, identifique a(s) pessoa(s) que pode(m) dar maior apoio emocional (mãe, irmã, amiga(o)).

5 – E qual foi a reacção dos outros membros da família?

Se foi positiva, reforce-a.

Se foi negativa ou ambivalente, pergunte: **“E agora, como é que reagem?”**.

6 – Que apoio gostaria de ter depois do bebé nascer? E que apoio espera ter?

Incentive a grávida a identificar os membros da família que a poderão apoiar futuramente, a nível emocional, financeiro, prático, etc.

Se for evidente qualquer problema relacional na família, estimule a grávida a discutir o assunto com a pessoa mais disponível para lhe dar apoio.

Nesta altura, quaisquer problemas anteriormente identificados devem ser englobados na estratégia de resolução de problemas. Tal pode ser orientado da seguinte forma:

“Já discutiu este(s) problema(s) de que falávamos há pouco com mais alguém? Com quem? E isso ajudou?”

Se houve experiências positivas, incentive a comunicação da grávida com essa pessoa e encoraje a resolução do problema.

Se as experiências foram negativas (se nunca falou do assunto ou a conversa não ajudou), incentive a grávida a falar com a(s) pessoa(s) identificada(s) como o apoio emocional mais viável.

“E se falasse disso com “X” (a pessoa que você identificou como a mais disponível na primeira parte da entrevista, por exemplo, a pessoa com quem a grávida partilhou primeiro a notícia da gravidez)?”

Se a grávida espera apoio dessa pessoa, encoraje-a.

Se a grávida não espera esse apoio, por ele não estar disponível, ou se há uma resistência forte dela em relação a essa solução, encoraje-a a partilhar os sentimentos e problemas consigo.

7 – Como acha que a chegada do bebé vai afectar:

- a si?

- a sua vida familiar?

- os outros membros da família?

- as relações familiares?

- a sua relação com o pai do bebé?

Estas questões abertas podem suscitar uma série de possibilidades. Se a grávida não desenvolver muito as questões, pode continuar a perguntar:

“O que é que acha dessas mudanças?”

Se forem esperadas mudanças positivas, reforce-as.



Se forem esperadas mudanças negativas (conflitos sobre a educação da criança, ciúmes dos irmãos, falta de apoio para cuidar do bebê, problemas financeiros ou domésticos), pergunte:

"Como pensa resolver esse problema?"

Se houver uma solução pensada, reforce-a.

Se não houver perspectivas de solução, encoraje a grávida a resolver o problema com a ajuda do companheiro e/ou outro familiar, perguntando:

"E se falasse com o seu companheiro/pai do bebê sobre isso? Ou com outro familiar? Ou talvez com outra pessoa em quem confie?"

8 - Como acha que vai lidar com essas mudanças?

9 - Algumas mães ficam deprimidas depois do nascimento do bebê. Está preocupada com essa possibilidade?

Se não houver ninguém disponível para apoiar a grávida, você deve ajudá-la a pensar em formas de obter um apoio psicossocial, se necessário. Deve também mostrar a sua disponibilidade para falar novamente no assunto e oferecer-lhe você mesmo esse apoio.

10 - Que mudanças tem notado em si própria desde que engravidou?

Estas mudanças podem incluir:

- Imagem corporal (aumento de peso, alteração das formas).
- Hábitos alimentares (enjoo matinal, vômitos, diminuição ou aumento do apetite).
- Sentimentos quanto ao sexo (alteração do interesse ou medo das relações sexuais durante a gravidez).
- Sono (insônia ou aumento da sonolência).
- Eficiência (diminuição da capacidade de trabalho ou da eficiência intelectual).
- Humor ou temperamento.

Prepare-se para lidar com qualquer uma destas dificuldades, por exemplo:

- Informe detalhadamente a grávida sobre as mudanças mais comuns na gravidez.
- Encoraje-a a ir regularmente às consultas de saúde materna para vigiar e informar-se sobre a evolução da gravidez.
- Incentive-a a partilhar os sentimentos, mudanças e preocupações com outros

familiares, nomeadamente com o pai do bebé.

Pode também explorar mais profundamente o tema, questionando:

“O que é que achou dessas mudanças? Está preocupada com elas? Já falou disso a alguém?”

11 – Como é que se sente de um modo geral?

Com esta questão pretende-se dar oportunidade à grávida para abordar a sua auto-estima e eventuais sentimentos depressivos, ansiosos ou outros que não tenham surgido anteriormente. É importante que a incentive a falar das suas experiências e do impacto que estas tiveram no quotidiano.

Se predominam os sentimentos positivos, reforce-os e encoraje a grávida a partilhá-los com a família (companheiro, filhos, etc.).

Se predominam os sentimentos vagos ou negativos em relação às mudanças, promova a exploração destes sentimentos consigo:

“Pode explicar-me um pouco melhor aquilo que sente?”.

12 – Como acha que é agora o seu bebé?

Com esta questão podemos avaliar ansiedades particulares relacionadas com o bem-estar físico do bebé:

“Como é que imagina o seu bebé neste momento? Como acha que é o temperamento dele/dela?”

Estas questões encorajam a grávida a envolver-se de forma personalizada com o bebé já durante a gravidez.

Se a grávida tiver percepções positivas sobre o bebé, encoraje a a partilhá-las com o companheiro.

Se as percepções forem negativas ou inexistentes, incentive a a estar atenta aos movimentos do bebé, às suas reacções aos sons, à sua relação com o humor da mãe e encoraje-a a falar do bebé com o companheiro ou outros familiares.

O caso da grávida que não consegue imaginar o bebé agora ou no futuro (resistência maciça) requer uma atenção particular da sua parte. Terá de preparar-se para acolher os sentimentos negativos da grávida, sem crítica ou julgamento, e contê-los.

Se não se sentir competente para o fazer, deverá discutir o caso com um especialista de saúde mental, mas encorajar, de qualquer forma, a grávida a pensar no bebé.

13 – Como é que imagina que o seu bebé vai ser?

Se as expectativas forem positivas, reforce-as e encoraje a grávida a partilhá-las com a família.

Se as expectativas forem negativas (medo de anomalias físicas ou mentais do bebé), incentive a grávida a partilhá-las com o companheiro.

“Já falou com o seu companheiro sobre isso?”

14 – E o pai? O que é que ele imagina? Como é que ele gostaria que o bebé fosse?

Se as expectativas forem positivas, reforce-as.

Se forem negativas, incentive a comunicação entre o casal sobre o futuro bebé, as expectativas de cada um e os planos acerca do lugar do bebé na família:

“E se talasse mais acerca do bebé com o seu companheiro ou outros familiares?”

15 – Há mais alguma coisa que a preocupe acerca do bebé?

16 – E quais são as expectativas dos outros membros da família?

Encoraje a grávida a partilhar os sentimentos com outros membros da família, em particular se o pai do bebé estiver ausente ou der muito pouco apoio.

17 – Quais são as suas expectativas acerca do parto?

Se os sentimentos forem positivos, reforce-os e encoraje a grávida a partilhá-los com o companheiro e outros membros da família.

Se forem negativos, tente descobrir quais as atitudes em relação ao parto de familiares, em particular a mãe, irmãs ou outra figura feminina relevante.

18 – O que é que os seus familiares pensam do parto (companheiro, mãe, etc.)?

Encoraje a grávida a falar com a pessoa mais disponível e capaz de a apoiar.

“Acha que pode falar com eles dos seus sentimentos e preocupações relacionados com o parto?”

“Já falou disso com o seu médico de família/enfermeira de saúde materna/obstetra?”

Aproveite para informar adequadamente a grávida sobre o parto e eventuais possibilidades de preparação para o mesmo.

19 – Que apoio gostaria de ter durante o trabalho de parto? E que apoio é que acha que vai ter?

20 – Como é que pensa alimentar a bebé?

Se necessário, avalie os sentimentos e opiniões em relação ao aleitamento materno.

“Já pensou em amamentar o seu bebé? O que é que pensa disso?”

Se a atitude da grávida for positiva, reforce-a, apontando as vantagens do aleitamento materno.

Se a atitude for negativa, incentive a expressão dos sentimentos negativos e receios e prepare-se para os conter sem os julgar:

“Pode explicar-me melhor o que pensa da amamentação?”

“Que experiência (se existiu) teve anteriormente com a amamentação?”

Se a experiência foi positiva, encoraje a grávida.

Se a experiência foi negativa, tente orientá-la para expectativas mais positivas, salientando o facto de cada nova situação ser única e diferente das anteriores.

Deve ser dada uma especial atenção à grávida com uma experiência anterior positiva de amamentação, mas com expectativas negativas intensas na gravidez actual. Neste caso poderão existir problemas psicológicos ou uma perturbação grave das relações familiares, e pode ser necessário orientar a grávida para uma

consulta especializada de saúde mental.

É de evitar também a idealização excessiva do aleitamento materno, que pode contribuir para sentimentos de culpa da mãe se a amamentação falhar ou for inviável.

21 – Qual é a opinião do seu companheiro sobre a amamentação?

22 – O nascimento de um filho pode levar a pressões e exigências financeiras. Está preocupada com esses aspectos?

23 – E quanto à organização da sua casa, está preocupada?

24 – Aconteceu alguma coisa que a possa afectar a si ou ao bebé?

25 – Há mais algum assunto de que gostasse de falar?

É importante terminar a entrevista de uma forma calorosa e positiva, reconhecendo as dificuldades e preocupações discutidas, mas também as soluções, apoios e capacidades identificadas.

É útil resumir brevemente os pontos mais importantes da conversa, terminando com comentários genuínos de reforço positivo.

Não deixe de expressar a sua disponibilidade para falar de novo com a grávida, e combine a marcação da próxima consulta.

Anexo 2

Valor da Correlação Item-Total e respectivo *alpha de Cronbach* se Item eliminado (EG – escala completa)

	Correlação Item-Total	Alpha de Cronbach se Item Eliminado
1	,262	,630
2	,066	,650
3	,323	,619
4	,469	,608
5	-,016	,662
6	,590	,589
7	,405	,613
8	,338	,619
9	,066	,652
10	,482	,600
11	-,091	,673
12	,294	,626
13	-,239	,696
14	,029	,659
15	-,144	,678
16	,463	,602
17	,649	,594
18	,360	,615
19	,416	,613
20	,503	,600

Anexo 3

Valor da Correlação Item-Total e respectivo *alpha de Cronbach* se item eliminado (PARQ-F – escala completa)

	Correlação Item-Total	Alpha de Cronbach se Item eliminado
Afect. 1	,577	,640
Indif. 2	,571	,488
Afect. 3	,420	,628
Host. 4	,593	,489
Rej.Indif. 5	,758	,462
Host. 6	,708	,469
Indif. 7	,518	,491
Rej.Indif. 8	,716	,462
Afect. 9	,594	,645
Host.10	,627	,474
Indif. 11	,582	,484
Afect. 12	,674	,656
Indif. 13	,134	,553
Host. 14	,687	,480
Indif. 15	,538	,490
Rej.Indif. 16	,705	,465
Afect. 17	,575	,640
Host. 18	,390	,516
Afect. 19	,524	,630
Host. 20	,623	,477
Rej.Indif. 21	,688	,469
Afect. 22	,579	,638
Indif. 23	,671	,477
Afect. 24	,617	,643

Anexo 4

Comparação entre as médias da EG relativamente às categorias dos itens do QG-M e do QG-H

Comparação das médias de Generatividade em função da “Primeira reacção perante a gravidez”(Questão 1 do QG-M)

Primeira reacção gravidez		M	DP	K-W	p	Post-Hoc
Categorias	Positiva	28,99	5,39	10,258	0,006*	P>N
	Negativa	23,14	8,53			P>Amb.
	Ambivalência	17,60	8,23			

* $p < 0,01$

Comparação das médias de Generatividade relativamente ao “Planeamento da gravidez”(Questão 2 do QG-M)

Gravidez Planeada		M	DP	U	p
Categorias	Sim	29,23	5,16	383	0,008*
	Não	23,91	8,32		

* $p < 0,01$

Comparação do Índice de Generatividade relativamente ao “Sentimento predominante nesta fase (gravidez)”(Questão 6 do QG-M)

Sentimento de modo geral		M	DP	K-W	p	Post-Hoc
Categorias	Positivo	29,00	5,75	8,434	0,015*	P>N
	Negativo	23,42	7,73			P>Amb.
	Ambivalência	17,50	7,78			

* $p < 0,05$

Comparação do Índice de Generatividade relativamente aos “Adjectivos que melhor descrevem a grávida”(Questão 8 do QG-M)

Adjectivos que melhor a descrevem		M	DP	U	p
Categorias	Positivos	28,95	5,72	120	0,000*
	Negativos	20,27	6,99		

* $p < 0,01$

Comparação do Índice de Generatividade relativamente à “Confiança para lidar com as mudanças”(Questão 12 do QG-M)

Confiante para lidar com mudanças		M	DP	K-W	p	Post-Hoc
Categorias	Sim	28,51	6,03	9,844	0,007*	S>N
	Não	14,5	3,69			MN>N
	Mais ou menos	29,29	6,85			

* $p < 0,01$

Comparação do Índice de Generatividade relativamente à “Preocupação com uma possível depressão pós-parto”(Questão 13 do QG-M)

		M	DP	U	p
	Preocupação depressão pós- parto				
Categorias	Sim	24,39	7,79	413	0,003*
	Não	29,60	5,08		

* $p < 0,01$

Comparação do Índice de Generatividade relativamente à questão “Já pensou acerca do parto” (Questão 10 do QG-H)

		M	DP	U	p
	Pensou no parto				
Categorias	Sim	29,21	5,73	15	0,026*
	Não	22,5	4,51		

* $p < 0,05$

Anexo 5

Comparação entre as médias do PARQ-F relativamente às categorias dos itens do QG-M e do QG-H

Comparação do Nível de Aceitação-Rejeição Paterna relativamente ao “Planeamento da Gravidez”(Questão 2 do QG-M)

	Gravidez Planeada	M	DP	U	p
Categorias	Sim	32,93	14,33	371	0,005*
	Não	39,55	10,95		

* $p < 0,01$

Comparação do Nível de Aceitação-Rejeição Paterna relativamente à “Primeira pessoa a quem contou da Gravidez”(Questão 4 do QG-M)

	Primeira pessoa a quem contou	M	DP	U	p
Categorias	Marido/Companheiro	33,33	13,68	239,5	0,012*
	Outros	42,08	11,94		

* $p < 0,05$

Comparação do Nível de Aceitação-Rejeição Paterna relativamente aos “Adjectivos que melhor descrevem as grávidas”(Questão 8 do QG-M)

	Adjectivos que melhor a descrevem	M	DP	U	p
Categorias	Positivos	33,62	13,64	218,000	0,027*
	Negativos	41,91	12,62		

* $p < 0,05$

Comparação do Nível de Aceitação-Rejeição Paterna relativamente à “Confiança para lidar com mudanças”(Questão 12 do QG-M)

	Confiante para lidar com mudanças	M	DP	K-W	p
Categorias	Sim	33,03	12,86	6,329	0,042*
	Não	49,75	12,55		
	Mais ou menos	39,00	17,50		

* $p < 0,05$

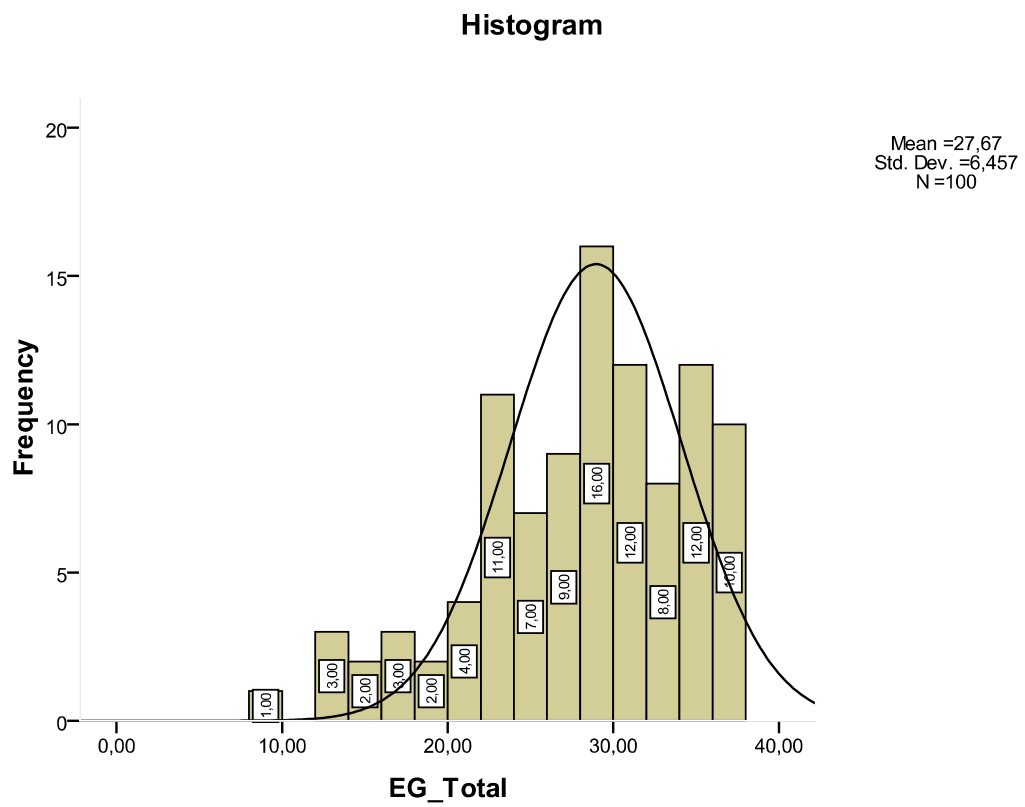
Comparação do Nível de Aceitação-Rejeição Paterna relativamente à “Preocupação com uma possível depressão pós-parto”(Questão 13 do QG-M)

Preocupação depressão pós-parto		M	DP	U	p
Categorias	Sim	39,00	13,38	443,500	0,007*
	Não	32,04	13,31		

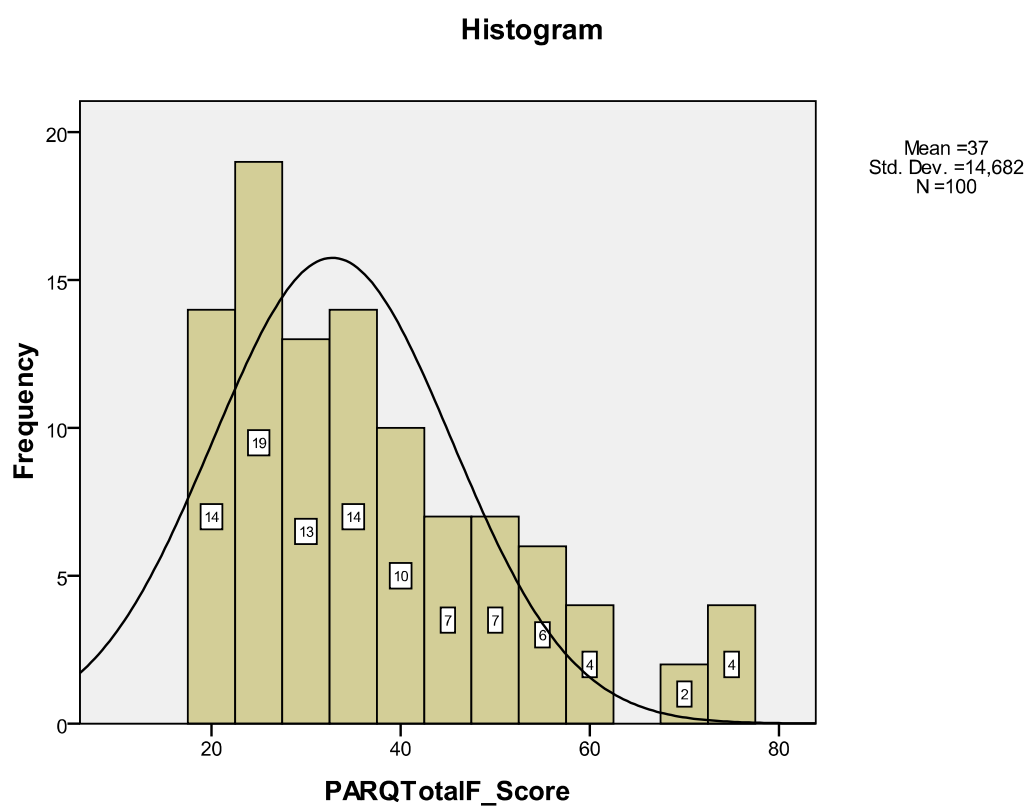
* $p < 0,01$

Anexo 6

Distribuição dos valores na amostra total na EG



Distribuição dos valores na amostra total no PARQ-F



Anexo 8

Estudo da relação entre o Índice de Generatividade e o Nível de Aceitação-Rejeição Paterna (no Total e nas diferentes Sub-escalas)

	PARQ-F Total	Indiferença	Hostilidade	Afectuosidade	Rejeição Indiferenciada
EG					
r	-0,187	-0,185	-0,154	0,169	-0,175
p	0,063*	0,065*	0,126*	0,094*	0,082*

* $p > 0,05$

Anexo 9

Estudo da relação entre o Índice de Generatividade e o Nível de Aceitação-Rejeição Paterna (homens)

		PARQ-F
		Total
EG	rho	-,391
	p	,080

* $p > 0,05$

Estudo da relação entre o Índice de Generatividade e o Nível de Aceitação-Rejeição Paterna (mulheres)

		PARQ-F
EG	r	-,179
	p	,114

* $p > 0,05$

Anexo 10

Comparação do índice de generatividade de acordo com o género dos sujeitos da amostra

Sexo	M	DP	U	p
Masculino	27,38	6,59	787,5	0,722*
Feminino	27,75	6,59		

* $p > 0,05$

Anexo 11

Relação entre o Índice de Generatividade e a idade dos sujeitos da amostra

		Idade
EG	r	,174
	p	,084*

* $p > 0,05$